

Avaliação Presidente do órgão responsável pela avaliação das instituições de ensino superior e pela realização do Enem, investiga as causas da evasão e diz que cabe às universidades propor intervenções pedagógicas para resolver seus problemas.

Página 8



EXPOSIÇÃO

A obra de um artista viajante

Eduardo Vieira da Cunha, convidado desta edição do projeto *Percurso do Artista* e professor do Instituto de Artes, apresenta pinturas, desenhos e objetos que sinalizam seus 30 anos de atividade. Como ele faz questão de esclarecer, não se trata de uma retrospectiva, mas de uma volta ao local em que realizou sua primeira exposição.

P13

ESPORTE UNIVERSITÁRIO

Conquistas sem limites

Desde 2005, quando passou a organizar equipes a fim de participar das competições esportivas entre universidades, os times da UFRGS têm conquistado inúmeras medalhas. Na 33.ª edição dos Jogos Universitários Gaúchos (JUGs), realizados em agosto, foram 10 troféus. A seleção dos jogadores ocorre anualmente, e os atletas contam com apoio institucional para o pagamento dos treinadores, do transporte e da alimentação. Por meio de um convênio com o Santander Universidades, também são financiados os uniformes, a compra e manutenção de materiais e as taxas de inscrição nas competições.

P7



Luis Cláudio Costa, presidente do INEP, esteve na Universidade para fazer a conferência de abertura do Salão UFRGS

FOTOS: ELIANO DUTRA/JU

Educação não é produto

SAÍDAS DE CAMPO

Conhecimento para além da sala de aula



CadernoJU

PROVAS ESPECÍFICAS

Preparação qualifica alunos

No mês em que os candidatos aos cursos de Música, Artes Visuais e Teatro da UFRGS realizam as Provas de Habilitação Específica, o JU faz um balanço das vantagens dessa pré-seleção. Entre os fatores apontados por estudantes e professores, está a oportunidade de se testarem as afinidades com os conteúdos que irão desenvolver ao longo da graduação. Talvez por isso esses cursos apresentem as mais baixas taxas de evasão da Universidade.

P5

VESTIBULAR 2013

A adaptação da UFRGS para atender à lei das cotas

P3

Plantas medicinais
Pesquisadoras fazem levantamento de espécies regionais **P5**

Projeto Apollonia
Um balanço das descobertas da equipe da Universidade **P11**

Clássico ambiental
As razões para ler *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson **P12**

Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

Renovando compromissos

O mês em que a UFRGS completa 78 anos é o momento de fazermos uma reflexão sobre os objetivos já alcançados e os desafios por vencer. Mais do que traçar metas, definindo prioridades e planos de ação, é hora de fazermos um balanço do que foi feito até aqui, tendo a humildade de reconhecer os méritos de todos aqueles que dividiram conosco a tarefa de comandar esta grande instituição. Ao assumir a reitoria, em setembro de 2008, um dos grandes desafios que se impunha para a gestão que se iniciava era o da expansão acadêmica com inclusão e qualidade. Passado esse período, todos os indicadores revelam o cumprimento das metas estabelecidas. Houve inédita expansão da graduação, sobretudo nos cursos novos e nos noturnos; ampliação sem precedentes na pós-graduação; aumento na produção acadêmica e na visibilidade institucional; e aprofundamento da inserção na sociedade. Além disso, avançamos também na avaliação das atividades acadêmicas e nos indicadores nacionais e internacionais.

Contando com o expressivo apoio da comunidade universitária no pleito realizado em junho passado para o reitorado 2012-2016, renovei, juntamente com o professor Rui Vicente Oppermann, na cerimônia de recondução ocorrida

em 3 de outubro no Salão de Atos da Universidade, o compromisso de honrar a singular missão de liderar esta grande instituição. O desafio agora é o de consolidar a expansão e ampliar a excelência acadêmica e a qualidade. Temos como norte transformar a UFRGS em uma verdadeira Universidade de Classe Mundial, que avança as fronteiras do conhecimento, promovendo o ensino inovador e formando pessoas criativas e comprometidas com a sociedade. Uma Universidade com capacidade para dialogar com as melhores instituições de ensino superior do mundo e conquistar seu espaço pela visibilidade e reconhecimento de seu fazer acadêmico. Fomento à inovação e ao Parque Tecnológico, apoio à internacionalização, atenção especial à infraestrutura física e habitabilidade dos campi, ações de qualificação e políticas de incentivo para estudantes, servidores técnico-administrativos e docentes, e implantação do Câmpus Litoral Norte serão os principais eixos na nova gestão.

Muito nos orgulha a confiança e a esperança depositadas na equipe que assume esta nova e desafiante missão. Estamos convencidos de que vale a pena lutar para construir uma UFRGS maior, mais forte e para todos. Essa missão é de toda a comunidade universitária!

Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

Correção Alan Turing

No JU de outubro, no “Destaque” sobre o pai da Informática, há uma informação errada. Turing não criou o aparelho Enigma. Ele estava atuando do outro lado, chefiando uma equipe que decifrava as mensagens criptografadas do Enigma, inclusive com o uso de um dos ancestrais dos atuais computadores, o Colossus. O Enigma foi desenvolvido por um engenheiro elétrico alemão, Scheibius, para enviar mensagens cifradas usadas em transações comerciais e financeiras. Mas por sua eficiência, acabou sendo adotado pelas forças armadas da Alemanha, a partir de 1926. Os primeiros a estudarem este aparelho (fora da Alemanha) foram os poloneses. Eles conseguiram decodificar mensagens alemãs já no início da década de 1930, quando tiveram acesso a um manual do Enigma. Convém lembrar que a Polônia estava situada entre dois inimigos que a cobriam: Alemanha e Rússia. Por isso, seu grande empenho para conseguir decifrar os códigos usados por suas forças armadas e diplomatas. Para a troca de informações com os especialistas franceses e britânicos, algumas reuniões foram feitas na França e na Polônia. Pouco antes de os alemães entrarem em Varsóvia, os especialistas poloneses conseguiram escapar para a França, destruindo os documentos que não puderam levar. Com a invasão desta, os trabalhos para quebra dos códigos do Enigma, cada vez mais complexos, foram concentrados em Bletchley Park, na zona rural britânica. E dirigindo esta equipe estava Turing, como já informamos acima.

► **Joaquim Blessmann, professor aposentado da Escola de Engenharia**

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Furuquilha, Porto Alegre - RS | CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Ricardo Schneiders da Silva

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497
Email: jornal@ufrgs.br

Conselho Editorial
Cassiano Kuchembecker Rosing, Cesar Zen Vasconcelos, Dalro José Nunes, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera

Editora
Ánia Chala
Repórteres
Everton Cardoso
Jacira Cabral da Silveira
Samantha Klein
Projeto gráfico
Juliano Bruni Pereira
Diagramação
Kleiton Semensatto da Costa
Fotografia
Flávio Dutra (editor)
Cadinho Andrade
Thiago Cruz
Revisão
Antônio Falcetta
Bolsistas (Jornalismo)
Bibiana Guaraldi
Bruno Cobalchini Mattos
Manuela Martins Ramos
Priscila Kichler Pacheco
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem
12 mil exemplares

facebook.com/jornaluniversidade
@jornalufrgs

Artigo

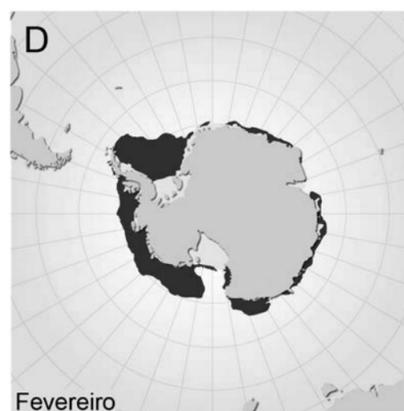
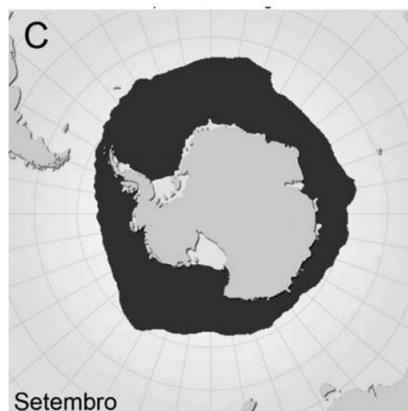
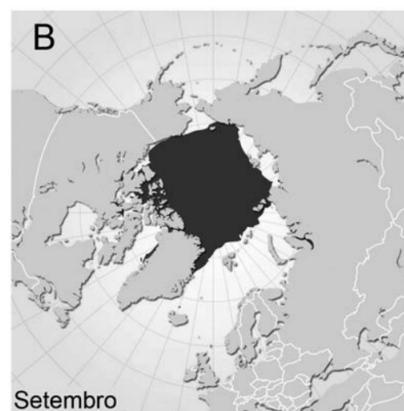
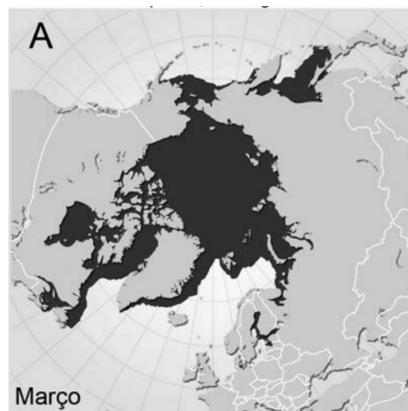
Ártico: as consequências da rápida redução da cobertura do gelo

No dia 16 de setembro de 2012, o mar congelado no Ártico atingiu a menor extensão já constatada – somente 3,4 milhões de quilômetros quadrados –, atestando as rápidas modificações ambientais naquela região da Terra. Essa rápida diminuição na área do gelo marinho ártico surpreendeu a comunidade científica, pois as previsões indicavam que tal redução ocorreria somente em algumas décadas. Quais serão as implicações para o clima do planeta? E as consequências para a política e a economia mundial? Estaremos caminhando, com o Ártico aberto para navegação durante o verão, para um novo cenário geopolítico?

Erroneamente denominados “calota polar”, os oceanos polares são cobertos por uma fina capa de mar congelado. No Ártico, o oceano é circundado por continentes, permitindo a estabilidade do pacote de gelo marinho do seu interior. Na Antártida, o Oceano Austral é aberto, e a extensão desse pacote tem grande variação entre o verão e o inverno. Veja a imagem ao lado. Esse mar congelado (no Ártico, a camada de gelo não ultrapassa 2 a 3 m de espessura) é somente uma parte da Criosfera, que é constituída: (1) pelas geleiras e os dois grandes mantos de gelo¹ (da Antártica e da Groenlândia), formado pela acumulação de neve sobre continentes ou ilhas; (2) pelo gelo marinho, fruto do congelamento da água do mar (1,83°C negativos, devido à salinidade), formando uma fina capa de gelo marinho sobre os oceanos Ártico e Austral (que rodeia o continente Antártico); (3) pelo gelo de água doce em lagos e rios; (4) pelo gelo do subsolo (conhecido como *permafrost*); e (5) pela cobertura sazonal de neve. No Brasil, a instituição responsável pelo monitoramento da criosfera é o Centro Polar e Climático da UFRGS.

No hemisfério norte, o mar congelado pode expandir-se, no inverno, para além de 15 milhões de quilômetros quadrados; por outro lado, seu derretimento também é rápido, e no final de setembro a extensão do gelo se reduz em média para 7 milhões de km² (até a década de 1990).

1. Uma massa de neve e gelo com grande espessura e área maior do que 50.000 km². Os mantos de gelo podem estar apoiados sobre o embasamento rochoso ou flutuando (plataforma de gelo). O manto de gelo da Antártica ultrapassa 13,6 milhões de km² e atinge quase 5 km de espessura.



A área mais escura representa a extensão anual máxima e mínima do mar congelado (gelo marinho) na Região Polar Ártica (A e B) e na Antártica (C e D). Fonte: National Snow and Ice Data Center/EUA, modificado pelo Centro Polar e Climático da UFRGS.

Portanto, essa variação sazonal da extensão de gelo do mar é um ciclo normal. Nas últimas três décadas, contudo, a extensão mínima desse gelo decresceu consideravelmente. Ao analisarmos a área mínima da cobertura do gelo marinho no Oceano Ártico no mês de agosto de 1979 até 2012, observamos que a extensão de agosto de 2012 é 2,9 milhões de quilômetros quadrados menor que a da área média entre 1979 e 2000. Os glaciólogos já têm evidências, pelo estudo

de amostras de neve e gelo da Groenlândia, que tal processo jamais ocorreu nos últimos 1.500 anos, ou seja, estamos tratando de um fenômeno drástico cujas consequências ainda não foram totalmente compreendidas. Finalmente, essas modificações foram também acompanhadas da redução da espessura média do gelo marinho. A manter-se a tendência das últimas duas décadas, prevê-se um verão ártico sem mar congelado já na década de 2020.

Tal modificação tem implicações ambientais e geopolíticas. O desaparecimento do mar congelado ártico tende a deixar mais quente aquela região, pois a superfície [líquida] do oceano absorve mais a energia que chega do Sol do que a superfície de neve e gelo. Isso ocorre porque o oceano é mais escuro do que a superfície de neve e gelo. Além disso, o próprio oceano transfere mais energia para a atmosfera (o que aquece mais ainda o ar da superfície do Ártico), e seria como se removêssemos um cobertor do oceano. Assim, o aquecimento e a redução do gelo do Oceano Ártico certamente causarão mudanças do clima, afetando todo o planeta.

As espécies que se movem sobre o gelo marinho para caça e migração (como o urso e raposas polares) são afetadas por essas modificações, mas é o fitoplâncton, base da teia alimentar que se prolifera logo abaixo do gelo, que sofrerá mais, pois é muito mais sensível ao aumento da radiação solar.

Sobre o ponto de vista histórico, abre-se definitivamente uma passagem entre a Europa e a Ásia via o norte da Sibéria. Essa é a passagem do Nordeste, procurada desde a época dos Grandes Descobrimientos, reduzindo a rota marítima em milhares de quilômetros e facilitando a exploração de recursos minerais na Sibéria. Em particular, ao facilitar a exploração dos recursos de óleo e gás na costa e na plataforma continental norte-americana e siberiana, qual serão os impactos na economia mundial? Esse é o motivo básico das diferentes ações russas ao longo dos últimos anos para reforçar sua soberania no alto Ártico, inclusive para *estender sua plataforma continental, conforme permite a* Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar. Também não devemos esquecer o impacto dessas rápidas modificações nas comunidades autóctones, como os Inuits (esquimós), que têm seu modo de vida baseado na caça e na pesca ártica. Em suma, essas súbitas modificações na extensão do gelo marinho do Oceano Ártico são fortes evidências das rápidas mudanças globais no clima do planeta.

Jefferson Cardia Simões
Diretor do Centro Polar e Climático da UFRGS

THIAGO CRUZ/JU



O reitor Carlos Alexandre Netto ressaltou que, apesar das alterações, o calendário de realização das provas do vestibular da UFRGS está mantido

Vestibular 2013 Alterações no novo edital abrem mais oportunidades para o acesso à universidade pública

Em reunião realizada em 26 de outubro, o Conselho Universitário (Consun) definiu os ajustes necessários à adaptação do edital do Vestibular 2013 à Lei Federal n.º 12.711, que dispôs sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. Os conselheiros apreciaram e aprovaram por unanimidade o parecer do relator, professor Celso Gianetti Loureiro Chaves, propondo medidas para que a UFRGS adequasse seu exame à normativa. Está mantido, assim, o percentual de 30% de reserva das vagas previsto pelo Programa de Ações Afirmativas. No entanto, alterações importantes devem ser observadas pelos estudantes que pretendem participar do exame de seleção, que será realizado de 13 a 16 de janeiro do próximo ano.

Conforme o novo edital, publicado em 29 de outubro, os estudantes já inscritos no concurso podem fazer uma reopção, caso se enquadrem em uma das quatro modalidades previstas para o ingresso pelo sistema de cotas (veja box ao lado). Está prevista ainda a inscrição de novos candidatos, uma vez que a lei federal também permite que aqueles estudantes que tenham cursado unicamente o ensino médio em escolas públicas possam concorrer pela reserva de vagas. Os interessados poderão acessar o site <http://www.ufrgs.br/coperse/> e solicitar a sua inscrição ou fazer a reopção até as 23h59min do dia 5 de novembro.

O reitor Carlos Alexandre Netto afirmou que a UFRGS está com todos os seus sistemas organizados para atender à demanda dos candidatos e que a realização do vestibular deve se dar nas datas já divulgadas. Ele frisou ainda que a agenda das Provas de Habilitação Específica [que são tema de reportagem da página 5 desta edição] estão mantidas, ou seja, não sofreram alterações. “Aquele aluno que já tem prova específica marcada e

for reopstar não precisará marcar uma nova data. Somente haverá marcação no caso de novas inscrições para os cursos de Música, Artes Visuais e Teatro, que exigem esse tipo de pré-seleção”, disse o reitor. Carlos Alexandre destacou também que a principal preocupação da administração central da Universidade foi evitar qualquer tipo de prejuízo aos já inscritos e àqueles que venham a se inscrever no vestibular da UFRGS por conta das mudanças implementadas. O reitor afirmou ainda que as alterações são válidas exclusivamente para o Concurso Vestibular 2013: “A partir de março, faremos revisões na decisão, com vistas aos próximos concursos para atender integralmente às exigências da legislação federal de reservar no mínimo 50% das vagas até 2016”.

Discussão – Dentre os aspectos da legislação debatidos pelos conselheiros durante a reunião, destacou-se a preocupação quanto às formas de averiguação da renda familiar pela Universidade, tendo em vista as fraudes recorrentes já registradas no país. Nesse sentido, o conselheiro Luís da Cunha Lamb, diretor do Instituto de Informática, ressaltou que a Universidade tem todas as condições de estabelecer posteriormente critérios mais amplos com relação à comprovação da renda.

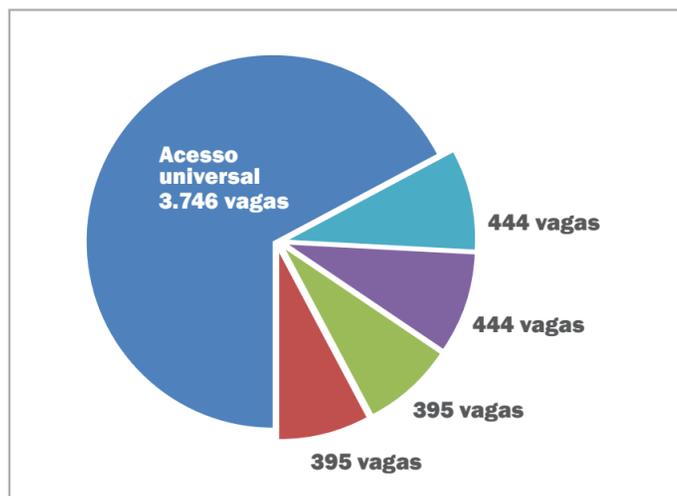
Também foi registrada a inconformidade com a imposição de normas pelo governo federal, o que, na visão de vários integrantes do Conselho, desconsiderou os programas de ações afirmativas já vigentes em universidades federais, ferindo a autonomia universitária. O reitor ponderou que a lei é mandatória, não restando alternativa às instituições senão o seu cumprimento. Carlos Alexandre disse considerar positivo o fato de a norma incluir os alunos que tenham cursado alguns anos em escola privada no ensino fundamental. “Agora esses estudantes também podem se inscrever pelas cotas, o que não era possível, segundo a política afirmativa da UFRGS”, comemorou o reitor, agradecendo ao grupo de trabalho que se envolveu na elaboração da medida.

Metas – Para Edilson Nabarro, coordenador-executivo da Coordenadoria de Acompanhamento das Ações Afirmativas da UFRGS, a preocupação é qualificar as políticas de permanência da instituição e reduzir os fatores de vulnerabilidade acadêmica verificados entre os alunos cotistas. “O relatório dos primeiros cinco anos do sistema de cotas já forneceu alguns indicadores

sobre o perfil dos ingressantes e sobre seu desempenho acadêmico, demonstrando que há uma vulnerabilidade mais acentuada entre os autodeclarados negros.” De acordo com o dirigente, com a ampliação, até 2016, para 50% da reserva de vagas para cotistas, a prioridade da Coordenadoria será investir em políticas de permanência. “Esse já era o nosso desafio quando implantamos a política de ações afirmativas em 2007. O Programa Nacional de Assistência Estudantil, que é um instrumento de permanência para que os alunos em vulnerabilidade econômica tenham condições de igualdade na trajetória escolar, já demandava aumento de recursos frente à ampliação do programa de benefícios. Isso porque o custo da retenção e da evasão é muito grande, e investir em programas de assistência estudantil sai muito mais barato”, explicou Edilson. Ele insistiu que, ao contrário do que reza o senso comum, estudar numa universidade pública sai muito caro. “A política de reserva de vagas, entendida como uma política pública de inclusão, visando à redução da desigualdade social e à ampliação das possibilidades

de ingresso no mercado de trabalho de jovens oriundos de escolas públicas, se efetiva na diplomação”, esclarece Edilson.

Na opinião do coordenador, as mudanças propostas pela nova lei federal demandarão mais investimentos por parte do governo. “O sistema público de ensino superior irá precisar de mais dinheiro e de metodologias novas vinculadas ao processo acadêmico. Nos próximos anos, isso deverá pautar as universidades para que também dialoguem com novas metodologias de ensino, capazes de proporcionar uma integração mais rápida aos estudantes cotistas.” Como destaca Edilson, no caso dos alunos que ingressarem em 2013 com uma renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo nacional *per capita*, a UFRGS já terá um diagnóstico de vulnerabilidade econômica. Ele finalizou acrescentando que o foco da Coordenadoria será a criação de ações de acolhimento para que o estudante cotista tenha uma “porta institucional de abrigo”, de forma que ele se sinta apoiado institucionalmente em sua trajetória acadêmica.



Cotistas têm novas opções

Conforme o parecer aprovado pelo Conselho Universitário, os candidatos ao Vestibular 2013 que optarem por concorrer às vagas destinadas ao Programa de Ações Afirmativas deverão escolher uma das seguintes alternativas:

- Egresso do ensino médio de escola pública com renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo nacional *per capita*, ou
- Egresso do ensino médio de escola pública com renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo nacional *per capita*, com registro de autodeclaração étnico-racial (negro, pardo ou indígena), ou
- Egresso do ensino médio de escola pública com renda familiar bruta mensal superior a 1,5 salário-mínimo nacional *per capita*, ou
- Egresso do ensino médio de escola pública com renda familiar bruta mensal superior a 1,5 salário-mínimo nacional *per capita*, com registro de autodeclaração étnico-racial (negro, pardo ou indígena).



UFRGS TV

Conhecendo a UFRGS

Não é só papel: IEPE completa 60 anos de pesquisas

O Conhecendo a UFRGS apresenta o IEPE, Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas. O centro, que completará 60 anos em 2013, é uma referência no Rio Grande do Sul e no Brasil inteiro por seus trabalhos no cálculo de indicadores econômicos.

“Atualmente, calculamos dois indicadores: o IPC (Índice de Preços ao Consumidor) e o Cesto Básico”, conta Everson dos Santos, coordenador do setor de estatística. “O cálculo do IPC é realizado sem interrupções desde 1949. Por se tratar de um índice de preços, ele nunca pode ter pausas”, explica. Para o cálculo desses indicadores, equipes de pesquisadores do IEPE fazem semanalmente um trabalho de campo percorrendo mercados e lojas de Porto Alegre e da região metropolitana. “O Índice de Preços ao Consumidor contém mais de 300 produtos e serviços que nós calculamos”, relata José Antônio de Seixas, economista e um dos mais antigos funcionários do IEPE.

Os trabalhos desenvolvidos pelo Centro informam como estão os índices de inflação na capital e na região. “A inflação é o aumento de preço. Se o preço sobe, o consumidor está sujeito a comprar menos com a mesma renda”, observa Everson. “O consumidor tem de estar atento à inflação para saber como está o seu poder de compra”, completa Seixas.

Com pesquisas e boletins econômicos publicados desde o início dos anos 50, o IEPE divulga informações que demonstram as alterações de comportamento da população com o passar dos anos. “Uma coisa que chama a atenção hoje e que reflete uma mudança na sociedade em geral é o consumo em restaurantes e bares. A taxa desse tipo de consumo, que era muito pequena anteriormente, vem aumentando consideravelmente há alguns anos e ganhando um peso maior entre os gastos das famílias”, afirma Santos.

O IEPE, por meio de suas pesquisas de preço e divulgações de boletins econômicos, entrega à sociedade importantes informações sobre como estão se comportando os preços em Porto Alegre e na região metropolitana. O caráter social dos trabalhos realizados pelo Centro é o que estimula Eliane Sanguiné, funcionária do IEPE há quase trinta anos. “Essa é uma das coisas que me motivam a trabalhar aqui. Saber que o que eu faço não é só papel. Todo esse trabalho que realizamos aqui tem um resultado, um retorno para a comunidade”, conclui.

Marcelo Oliveira, *estudante do 4.º semestre de Jornalismo da Fabico*

Assista aos programas

Para conhecer melhor os trabalhos do IEPE, assista ao programa *Conhecendo a UFRGS* que será exibido no dia 20 de novembro, às 20h, com reprise às 23h, na UNITV, canal 15 da NET POA.



Muito além do chá

Plantas medicinais Avanços e dilemas da exploração de vegetais com propriedades terapêuticas

O uso de plantas medicinais no tratamento de doenças acontece há muito, mas, com o passar dos anos, o modo como são utilizadas sofreu alterações. O avanço da ciência permitiu que os principais componentes ativos das plantas passassem a ser isolados e utilizados na fabricação de medicamentos. Um exemplo de molécula isolada de origem vegetal amplamente usada em medicamentos é a morfina, obtida a partir da papoula.

Ao serem identificados, os componentes dessas moléculas podem ser sintetizados em laboratórios, originando drogas alopatícas importantíssimas. Ainda que a origem das moléculas ativas seja vegetal, a produção sintética costuma ser mais barata e segura para a produção de medicamentos em larga escala. Contudo, é importante saber que a utilização de recursos naturais foi a base de toda a terapêutica e, conforme a professora da Faculdade de Farmácia da UFRGS Stela Rates, “por mais criativo que o químico medicinal ou orgânico seja, é difícil (em alguns casos quase

impossível) reproduzir a capacidade e a diversidade química da natureza”.

Já os fitoterápicos se aproximam mais dos usos ancestrais, pois são obtidos exclusivamente de vegetais, podendo ser vendidos em forma de extrato, tintura, óleo, cápsulas, etc. A legislação brasileira permite que os extratos de plantas produzidos com base nos conhecimentos tradicionais sejam reconhecidos e registrados para uso – o que não significa que a sua eficácia prescindida de comprovação. Como acontece com qualquer outro medicamento, para registrá-los, os fabricantes precisam provar que conseguem manter a qualidade e a concentração do princípio ativo presente na planta; isso ocorre por meio da realização de vários testes exigidos pela Anvisa.

Mara Ritter, docente do Departamento de Botânica da Universidade, esclarece que os medicamentos fitoterápicos são bem diferentes dos chás e de outras preparações caseiras que utilizam as plantas de forma integral. “Para ser considerado um fitomedicamento, o produto gerado a partir da planta tem que ter estudos clínicos que atestem a sua eficácia e segurança; por isso, temos muito menos fitomedicamentos do que plantas usadas com finalidade medicinal”.

As distorções decorrentes do uso inadvertido de plantas medicinais costumam estar relacionadas à crença equivocada de que “tratamentos com plantas são naturais e não fazem mal”. Os fitoterápicos devem ser tratados como qualquer outro medicamento, merecendo igual credibilidade e precauções de uso. Mesmo quando o tratamento

é feito com o tradicional chazinho, problemas podem ocorrer em função da má procedência da planta, de erros na identificação botânica, da dose e do preparo indevidos, além de interações medicamentosas adversas. Para Stela, é de fundamental importância que a população em geral se dê conta de que uma planta é um ser vivo riquíssimo em constituintes químicos. “Se for plantada aqui ou lá, colhida em uma época diferente do ano ou processada de uma maneira, e não de outra, vai ter uma constituição química completamente diferente, pois reage e interage com o ambiente – é isso que faz delas seres tão ricos”.

Pesquisa – Mara e Stela integram um grupo de pesquisadores da Universidade que está desenvolvendo uma pesquisa chamada “Levantamento de trabalhos etnobotânicos no Rio Grande do Sul (com enfoque medicinal)”. Mara conta que a intenção do projeto é formar um grande banco de dados que inclua as diferentes regiões do estado. “Provavelmente, a maioria das plantas vão ser as mesmas, pois o conhecimento se espalha, mas cada região tem as suas peculiaridades, há plantas diferentes em cada lugar, e certamente o que as pessoas usam na campanha é bem diferente do que se usa no litoral”, observa.

A importância de um estudo dessa natureza não está no descobrimento de novas espécies, visto que a pesquisa tem por base a revisão de estudos já concluídos. Entretanto, o agrupamento dos dados desses estudos permitirá que se percebam coisas que não seriam

observadas isoladamente. Apesar de ainda não estar finalizada, a pesquisa já conta com uma lista de mais de 600 plantas. Segundo as professoras, esse é um número alto, que tende a crescer ainda mais com a inclusão de novos trabalhos acadêmicos à medida que forem produzidos. E o banco de dados já está ajudando outros pesquisadores em seus estudos, servindo de subsídio para trabalhos de mestrado, doutorado e de iniciação científica – que poderão integrar o catálogo futuramente.

Os resultados preliminares do estudo indicam que as plantas mais citadas pela população são velhas conhecidas, como macela, camomila, erva doce, guaco, boldo, hortelã, ervas cidreiras – “plantas às quais as pessoas têm mais acesso, são mais facilmente obtidas, o que influi muito nos resultados”, justifica Mara. Mas, ao comparar as plantas medicinais com maior número de citações em trabalhos acadêmicos, o resultado surpreende: a campeã de citações é a pitanga (*Eugenia uniflora*), uma novidade até mesmo para as especialistas.

Diversidade desconhecida – “Um grande desafio.” É assim que Stela Rates define a pesquisa com plantas medicinais no Brasil. Segundo ela, há uma disparidade na relação entre a quantidade de estudos sobre as floras nativa e exótica. “Levantamentos apontam que metade das plantas utilizadas como medicinais são exóticas, mas há muito mais estudos científicos feitos sobre elas do que sobre as nativas.” Apesar disso, o interesse em nossa flora parece estar aumentando. É o

que contrapõe a professora do Departamento de Botânica Mara Ritter: “Apesar de faltar estudo, nunca se viram tantos trabalhos com plantas nativas como agora, é um cenário animador”.

Para Stela, um dos fatores que explica o baixo número de estudos acerca das propriedades medicinais da flora nativa é a dificuldade de acesso imposta pelo governo brasileiro. “Para estudar as plantas nativas, temos de ter acesso à nossa biodiversidade, e o Ministério do Meio Ambiente tem uma série de regras para regular o acesso ao patrimônio genético, principalmente quando há conhecimento tradicional envolvido. Enfrenta-se muita burocracia para realizar pesquisas.” Apesar de reconhecer a importância de proteger os recursos naturais, as pesquisadoras consideram que a legislação desestimula a pesquisa. Stela aponta que a principal falha é não se traçar uma distinção clara entre pesquisadores e biopiratas. “Quando se pesquisa uma planta usada há muito tempo por uma comunidade, o conhecimento dessa planta é da comunidade. O pesquisador vai lá e faz a parte científica, mas o lucro do produto que pode ser gerado a partir do trabalho de bioprospecção vai para quem? Até alguns anos atrás, a comunidade original nada ganhava, portanto essa legislação foi criada para proteger as fontes deste saber. O problema é quando os pesquisadores são penalizados injustamente”, concorda Mara.

Bibiana Guaraldi, estudante do 8.º semestre de Jornalismo da Fabico



Levantamentos apontam que metade das plantas utilizadas como medicinais são exóticas

Nomes iguais, funções diferentes

Dentre as plantas mais citadas pela população, algumas se destacam por aparecerem com vários nomes diferentes. É o caso da *Achillea alpicola*, também conhecida como milfolhas, infalevina, novalgina e anador. A diversidade de apelidos da *Achillea alpicola* revela dois sérios problemas: a confusão entre espécies diferentes e entre plantas medicinais e remédios sintéticos. Diretora do herbário da UFRGS, Mara Ritter conta que o uso de nomes de remédios sintéticos para designar plantas é um fenômeno recente, que tem crescido a uma velocidade preocupante. “Temos percebido que plantas populares, usadas há muito tempo e cientificamente reconhecidas, começam a perder seus nomes originais, passando a ser conhecidas por nomes de medicamentos.”

Um dos motivos para isso é a analogia entre as funções terapêuticas atribuídas às plantas e aos remédios, o que a pesquisadora credita à ampla divulgação de terapias alternativas. “Em muitos casos, existe correspondência, mas nem sempre é assim, e algumas plantas, sobre as quais não há estudos suficientes, surgem ‘do nada’ já com nome de medicamento”. Vale lembrar que, ainda que possam ser usados com os mesmos fins, o remédio e a planta possuem componentes diferentes, portanto, o resultado do tratamento com um ou outro nunca é o mesmo.

O problema se agrava quando a associação entre nomes de remédios e plantas é tão arraigada que provoca confusão entre um e outro. “É preocupante que medicamentos e plantas sejam chamados pelo mesmo nome, pois, quando um médico prescreve determinado remédio, as pessoas podem tomar a planta que têm em casa acreditando seguir a orientação do médico – e a planta pode até piorar a enfermidade que deveria tratar”. A pesquisadora relata que encontrou casos de plantas que passaram a ser chamadas por nomes de antibióticos. “Aqui não é uma simples dor de cabeça ou de barriga que está sendo negligenciada com a troca do medicamento pelo chá; o tratamento inadequado pode levar ao óbito.”

Para produzir um estudo etnobotânico, o pesquisador vai ao encontro de uma comunidade colher relatos sobre os usos que as pessoas fazem das plantas. Geralmente, durante as entrevistas, não é dito o nome oficial da planta, e sim o popular. Sem a identificação correta por parte do pesquisador, a informação fica incompleta, podendo provocar erros graves. “É preciso ter o cuidado de ver a planta que

está sendo usada ao identificar a espécie e o nome científico dela. A cidreira, por exemplo, conheço umas cinco plantas de espécies diferentes com esse nome”, conta Mara. O fato de plantas diferentes serem conhecidas pelo mesmo nome faz com que, ainda que sejam consultadas fontes confiáveis para se informar sobre as propriedades e os usos corretos de determinada espécie, os dados podem dizer respeito a outro vegetal, sem que a confusão seja percebida.

Por isso, o catálogo que está sendo construído contará com a listagem das plantas e, além do nome científico, também o nome popular, para que se saiba exatamente a quem as pessoas se referem. Muitas vezes, diferenciar uma espécie de outra pode ser uma tarefa complicada mesmo para botânicos, por causa da grande semelhança existente entre algumas plantas. Por este motivo, a verificação correta das espécies é um dos critérios de seleção dos trabalhos que farão parte do banco de dados.

Uma das razões apontadas por Mara para a confusão entre espécies diferentes é a semelhança morfológica – “existem espécies muito semelhantes, algumas medicinais, outras não, podendo até ser tóxicas”. Outro motivo é a questão do nome popular: “Numa região a planta tem um nome, e em outra o mesmo nome corresponde à outra planta”. O mesmo pode acontecer quando as plantas medicinais são compradas de ervateiros.

“É comum ver as pessoas comprarem de fornecedores uma planta e receber outra. Por ter o mesmo nome, ou por não ser a época da planta que o consumidor pediu.” Ela exemplifica contando que há alguns anos fez uma pesquisa para identificar as plantas conhecidas como quebra-pedras (*Phyllanthus niruri*), geralmente usadas para tratar cálculos renais, e foram encontradas sete espécies diferentes que os ervateiros vendiam como se fossem quebra-pedras.

Além disso, é importante saber o uso correto da planta que será consumida. A professora cita como exemplo o caso do confei (*Symphytum officinale*): “Foi usado durante muitos anos como a crença de que ‘curava tudo’, e muitas pessoas consumiram confei em doses muito elevadas”. Mais tarde se descobriu que a planta continha substâncias hematotóxicas, o que provocou problemas de fígado em muitos dos que a consumiam. A partir dessa descoberta, foi proibido o uso interno do confei – o uso externo ainda é aconselhado, pois auxilia no processo de cicatrização.

A falta de informação pode transformar plantas com fins medicinais em inimigas da saúde



FABIANO DUTRA/JU

A vestibulanda Fernanda Feldens se prepara para a prova específica do curso de Artes Visuais, procurando respeitar as noções de perspectiva, espaço e escala exigidas pelos avaliadores

O primeiro desafio

Vestibular 2013

Provas de Habilitação Específica dão início à disputa por vagas do Instituto de Artes antes mesmo do vestibular

Novembro é um mês decisivo para todos os que estudam para o Vestibular da UFRGS. Aqueles que foram reprovados no ano anterior intensificam a revisão das disciplinas nas quais não tiveram um bom desempenho; os que ainda cursam o ensino médio buscam conciliar nos estudos os conteúdos de seus exames finais, do Enem e da prova de ingresso na Universidade; e os que já saíram do colégio, mas prestam o exame pela primeira vez, buscam alguma maneira de controlar a ansiedade.

Muitos deles compartilham a sensação de viver um momento de suspensão, uma vez que seus destinos profissionais só serão definidos dali a dois meses. No entanto, há uma minoria de candidatos cujo futuro já está sendo decidido. É o caso daqueles que almejam uma vaga em Artes Visuais, Música ou Artes Cênicas – os três cursos da Universidade que exigem, além do vestibular, a aprovação em uma prova de habilitação específica.

Objetivos – Essas provas não chegam a ser uma novidade: no início da década de 1990, elas já eram exigidas pelas três graduações do Instituto de Artes (às quais viriam somar-se nesta década os cursos de Música Popular, para o qual também é necessária a realização do teste, e o de

História da Arte, que não apresenta esse pré-requisito). O objetivo principal dos exames é avaliar a familiaridade que os candidatos apresentam com uma determinada linguagem antes do ingresso na Universidade.

Assim, os cursos de Música e Música Popular exigem conhecimentos de teoria musical e o domínio de um instrumento musical. O de Artes Visuais, por sua vez, aplica uma prova de desenho dividida em quatro etapas, cada uma com duração máxima de 15 minutos. Finalmente, os interessados no curso de Artes Cênicas devem interpretar um monólogo e participar de uma entrevista na qual são discutidos temas como a construção de personagem, a dinâmica dos ensaios e a interpretação de textos teatrais.

Os coordenadores das Comissões de Graduação (Comgrads) desses cursos são unânimes ao apontar que essa triagem é fundamental para garantir que os alunos aprovados no vestibular tenham capacidade de acompanhar os currículos. É o que aponta Luciano Zanatta, da Comgrad de Música: “Por definição, um curso superior de Música não é para iniciantes. Tocar um instrumento é também uma construção corporal, necessita de muitas horas de prática. Um aluno que ingressasse sem essa construção não conseguiria vencer o programa do curso”, explica. “Além disso, para um músico que almeja uma formação superior, saber ler partituras é tão fundamental como saber ler e escrever”, compara.

Já Suzane Weber, da Comgrad de Artes Cênicas, explica que “a prova pretende perceber se o aluno está maduro para enfrentar uma formação em que é necessário viabilizar-se como artista. Para isso, é preciso contar com autoconhecimento, consciência corporal e a capacidade de mobilizar recursos físicos e emocionais para o exercício, dentre outras coisas”, ressalta. Por sua vez, Umbelina Barreto, da Comgrad de Artes Visuais, destaca a importância do teste para selecionar

candidatos com “percepção espacial, dotados de observação e da capacidade de colocar no plano bidimensional uma forma do mundo cotidiano concreto, o que corresponderia a uma primeira alfabetização visual”.

Filtragem – Além de verificar o grau de domínio de linguagem dos alunos, a aplicação dessas provas específicas gera um efeito colateral extremamente benéfico para os cursos que a exigem. Para garantir o sucesso no exame (em Música e Artes Visuais, a taxa de aprovação fica em torno dos 50%; nas Artes Cênicas, o número sobe para a casa dos 80%), os candidatos devem dedicar-se por um longo período ao conteúdo exigido. Assim, os alunos têm a chance de testar sua afinidade com esses conteúdos, o que na prática acaba sendo uma espécie de triagem. Talvez por isso, apesar de apresentarem uma procura relativamente baixa, os cursos de Música, Artes Cênicas e Artes Visuais têm taxas de evasão que estão entre as mais baixas da UFRGS.

Umbelina ressalta a importância desse processo de filtragem, que serve também para “evitar o ingresso ‘gratuito’ do candidato que tem como objetivo apenas entrar na universidade, independentemente do curso, e que não possui nenhuma identidade com a área artística” – algo que, de acordo com ela, ocorria eventu-

almente na época em que a prova ainda não existia. Zanatta considera ainda que o teste acaba por exigir que os candidatos procurem entender o funcionamento do curso e do mercado de trabalho.

Por isso, ele acredita que os alunos do curso de Música já chegam à graduação com uma opção profissional amadurecida – uma opinião que transcende os limites da academia e é compartilhada também por Karla Dias, coordenadora pedagógica da escola Estação Musical, que oferece um curso de preparação para vestibulandos que precisam passar pela prova da UFRGS. “Como há a exigência de uma preparação específica, os alunos acabam pesquisando a vida profissional de um músico. Isso evita desilusões com o curso, porque antes havia muita gente que entrava na graduação com a ideia de se tornar um concertista. Mas isso representa talvez menos de 10% dos casos – a maioria acaba trabalhando como professor ou em estúdios de gravação”, reflete.

Preparação – Formada ela mesma em Música pela UFRGS, Karla atesta que a prova específica foi muito importante para ajudar a mudar o perfil histórico das pessoas que tentam ingressar no curso. “Há quem chegue lá sem saber direito o que é o curso, mas esses são minoria”, observa, concordando com Zanatta ao dizer que os conhecimentos avaliados

são essenciais para os calouros, mas nem por isso devem ser subestimados. “Se o aluno tem uma boa formação prévia em teoria musical, não creio que haja maiores dificuldades”, conclui ela.

Essa preparação é percebida como essencial também pelos alunos que tentam uma vaga nas outras graduações. Foi o caso de Ana Carolina de David, aluna de Artes Cênicas: “Quando recebi o texto para decorar, não foram poucas as vezes que fiquei repassando ele na frente do espelho, durante o banho ou antes de dormir. Tive ajuda de um amigo que é ator e gravava pra mim tudo o que eu falava. Apreendi bastante nesse processo”, relembra. Já Fernanda Feldens, que prestará a prova de Artes Visuais no próximo vestibular, julga que é importante saber exatamente o que será solicitado no dia do exame: “Desenho desde pequena, mas ainda assim estou praticando mais para respeitar bem as noções de espaço, perspectiva e escala exigidas pelo avaliador”, revela a vestibulanda, que está tomando lições semanais em um ateliê. “Além disso, é sabido que os avaliadores desejam conhecer qual o traço pessoal do candidato. Por isso, é primordial desenhar com convicção e sem medo de errar”, completa.

Bruno Cobalchini Mattos, estudante do 8.º semestre de Jornalismo

Curso de Preparação do IA

Apesar de tirar o sono de muitos candidatos, as provas de habilitação específica não visam à redução do número dos concorrentes, mas sim a uma maior qualificação dos mesmos. Por isso, o Instituto de Artes da UFRGS oferece há cinco anos oficinas e encontros preparatórios para aqueles que pretendem fazer o exame de Artes Visuais. Neste ano, o curso *Desenho*

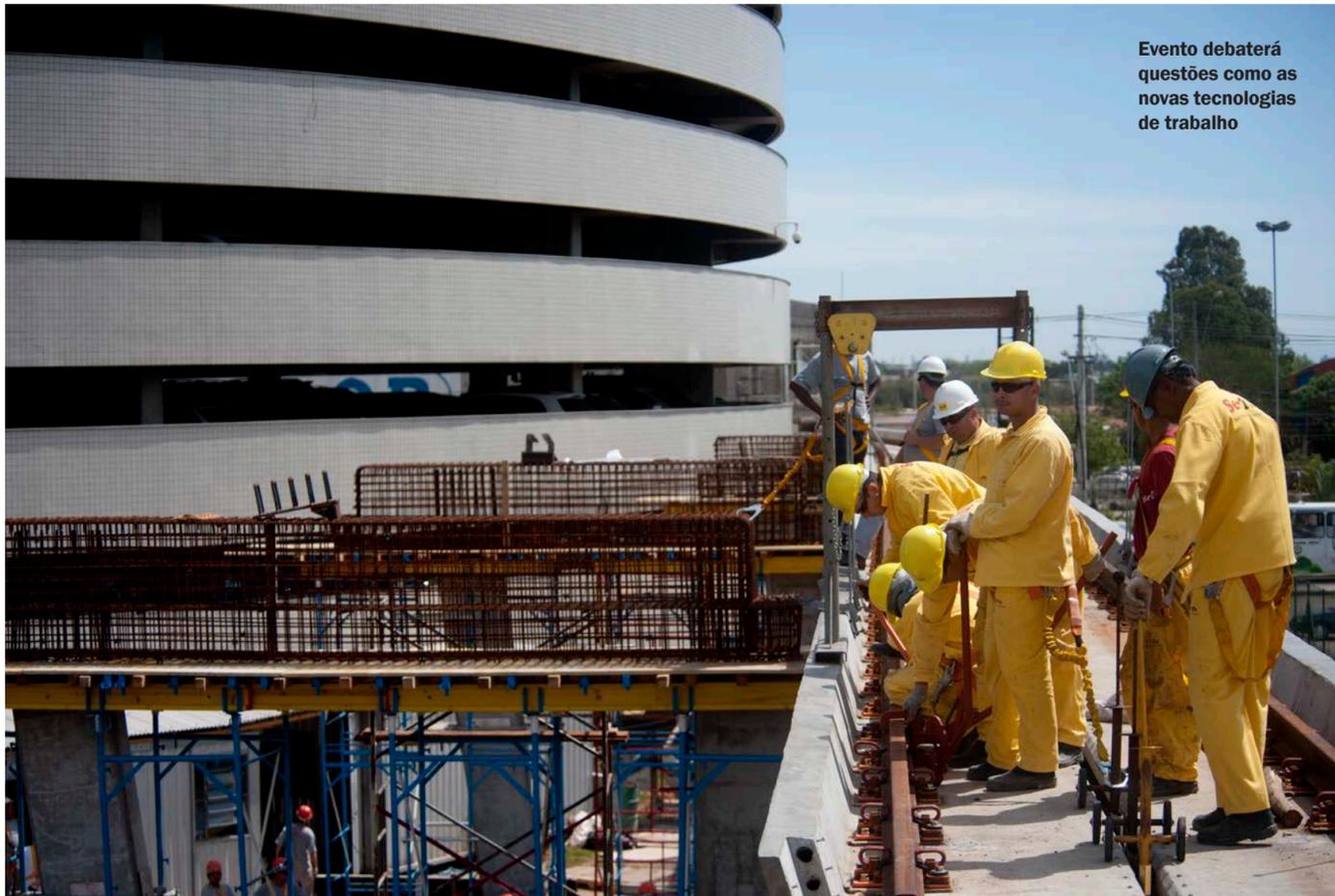
de Preparação tem a participação de cerca de 20 pessoas. Trata-se de um projeto de extensão organizado pela professora Teresa Poester e ministrado por quatro alunos do próprio Instituto: Alexandre Copês, Anna Jonko, Laura D. Miguel e Carlos Eduardo Galon – este último idealizador do projeto. Ele explica que o curso foca-se no desenho de observação por meio de exercícios

para treinar o olhar com técnica e estratégia. Para Galon, o tempo restrito para a elaboração do desenho é um dos maiores desafios enfrentados pelos alunos, assim como a existência de vícios adquiridos nas experiências prévias. “É como instruir alguém que dirige há muito tempo o seu carro, mas que não tem carteira de motorista”, exemplifica.



De olho no futuro

FLÁVIO DUTRA/JU



Evento debaterá questões como as novas tecnologias de trabalho

Agende-se

O quê
Seminário Internacional Sociologias do Século XXI
Data
28 a 30 de novembro
Local e horário
Abertura na Sala II do Salão de Atos, 18h

Acesse a programação completa no site www.ufrgs.br/ppgs

Sociedade Encontro discute a Sociologia a partir das mudanças geopolíticas no cenário internacional

Por meio da análise das relações históricas e culturais, a Sociologia procura estudar e explicar as estruturas da sociedade, trabalhando com conceitos e teorias para analisar relações de poder existentes. No século XXI, com a multiplicação dos objetos de estudo e diante de uma nova conjuntura social que envolve mobilidade populacional, desenvolvimento econômico e globalização, essa área torna-se mais interdisciplinar e plural.

Para debater os desafios e perspectivas referentes a essa disciplina, o Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFRGS promove o *Seminário Internacional Sociologias do Século XXI*. O evento, que integra as atividades comemorativas dos 40 anos do PPGS, acontece entre os dias 28 e 30 deste mês.

O seminário irá debater questões e mudanças que cercam as ciências sociais nos últimos vinte anos. “A sociologia é desafiada por essas transformações e, mais do que encontrar respostas, ela tem de avaliar o que é importante para se produzir um conhecimento socialmente válido a respeito”, resume Antônio David Cattani, professor do PPGS que responde pela organização do evento ao lado dos colegas Clarissa Neves e José Vicente Tavares dos Santos.

Pensar a partir do sul – Auguste Comte é considerado o fundador do que hoje naturalmente chamamos Sociologia, a ciência que tem por objeto a humanidade e os fatos sociais. As mudanças transcorridas ao longo do século XVIII, com suas revoluções industrial e francesa, criaram uma nova dinâmica social. O filósofo francês que desenvolveu a teoria positivista acreditava que a função da sociologia era estabilizar a nova ordem por meio do planejamento da organização social e política.

A sociologia clássica, da qual o positivismo de Comte foi a corrente pioneira, sobreviveu ao tempo e é, ainda, fonte de reflexão sobre problemas e questões contemporâneas. Representada por Max Weber, Karl Marx e Émile Durkheim, instituiu o estudo científico da organização das sociedades e das leis

que regem as relações sociais. Os pensamentos e teorias clássicos, engendrados no contexto dos países ocidentais do hemisfério norte, durante muito tempo foram transpostos e aplicados à realidade dos demais países. Ao fazer isso, porém, adapta-se uma mesma fórmula a populações que são distintas cultural, histórica e socialmente. “Nós não ignoramos essa produção – ela é importante, os grandes autores são norte-ocidentais – mas hoje é possível enxergar que o sul tem outra perspectiva. Trata-se de pensar o mundo a partir do sul. A sociedade que emergiu aqui não é simplesmente uma reprodução do que aconteceu no norte, ela tem outros desafios e apresenta problemas e composições sociais completamente diferentes”, alega Cattani.

Mas esse conceito de Sul, ou Sul Global, que reúne países como Brasil, Argentina, África do Sul, Índia, China e Indonésia, é de difícil definição. É preciso esclarecer, em primeiro lugar, que sul e norte não necessariamente se referem a posições geográficas; sul, nesse caso, é um termo geopolítico para os países emergentes que, hoje, ocupam no cenário internacional uma posição de destaque. A partir dessa definição, um dos principais desafios da Sociologia, a ser debatido no seminário, é a construção de um conhecimento original a par-

tir das perspectivas contemporâneas. “Temos de pensar as sociologias dentro desse contexto, do chamado ‘sul global’. O seminário vai tratar das mudanças que vêm ocorrendo e de como esses países passaram a estabelecer relações de forma soberana, e não mais por meio de brechas concedidas pelo norte”, ressalta o professor.

Questão para o futuro – *Sociologia Brasileira no Século XXI – desafios e perspectivas* é a primeira conferência do seminário. Marcada para as 19h do dia 28, a palestra será ministrada por José Vicente Tavares dos Santos, pesquisador do PPGS. Ele vai analisar a produção sociológica brasileira nos últimos vinte anos, traçando um mapa cognitivo dos grandes conceitos e temáticas. De acordo com o professor, um dos principais desafios da área é a discussão sobre as transformações sociais: “Elas acontecem como efeito de dois processos. Os processos internos – maior inclusão social por meio de políticas de distribuição de renda e redução da desigualdade – e os externos, marcados pela globalização econômica. O que muda é que hoje temos a atuação de uma série de novos atores sociais. Fazer essa análise é indispensável ao campo sociológico”.

Novas tecnologias de trabalho; vio-

lência e conflitualidades; meio ambiente e conflitos sociais; universidade, ciência e tecnologia; mudanças na estrutura social e mobilidade populacional são alguns dos temas que devem ser debatidos ao longo dos três dias de seminário. O evento também terá a participação de sociólogos estrangeiros: Li Chunling, pesquisador da Academia Chinesa de Ciências Sociais; Sujata Patel, da University of Hyderabad (Índia); e Sakhela Buhlungu, da University of Pretoria (África do Sul). Eles trarão para o debate um pouco da sociologia indiana, chinesa e sul-africana, com as quais, como alega Cattani, o Brasil ainda tem pouco contato: “Possuímos informações escassas sobre o que ocorre nesses países. Até porque lidamos com uma informação filtrada pela grande mídia. O que chega até nós é selecionado segundo algum tipo de interesse, de modo que não temos um quadro exato do que acontece nesses lugares. Nesse sentido, a vinda dos sociólogos é estratégica, vai permitir o contato com outras realidades”.

A reconfiguração do cenário geopolítico permite que os países emergentes vivam uma evolução econômica e participem de forma mais ativa nas relações internacionais, o que desafia a Sociologia. O campo encaminha-se para um processo de renovação, a fim de analisar as novas situações e suas consequências, e passa a ter como principal meta a produção de um conhecimento original a partir disso. José Vicente resume a questão: “Os países do sul têm em comum uma situação de dependência em relação aos focos centrais do capitalismo, uma relação ainda periférica. Agora essa situação começa a sofrer uma fratura, devido a essa nova geografia dos países emergentes. Esse é um dos grandes desafios da Sociologia daqui para frente: esclarecer como tais realidades vão se traduzir em um novo conhecimento sociológico que vá além dos particularismos do sul. É uma questão para o futuro”.

Priscila Kichler Pacheco, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabico

Dois pontos

Antônio Falcetta, revisor
antonio.falcetta@secom.ufrgs.br

► Uma questão de nobreza ou de compreensão?

O pronomes relativo e a regência – Vejamos a seguinte frase: *A educação é um tema bastante interessante, no qual podemos desenvolver a partir de diferentes perspectivas de análise, entre elas: a educação escolar, a educação familiar, a educação profissional, a educação vivencial.*

É frequente a utilização equivocada de regência (complementos verbais ou nominais com ou sem preposição) nos casos de retomada de um item gramatical, realizada pelo pronomes relativo, como ocorre na frase acima. Nela o pronomes relativo *qual* retoma o substantivo “tema” da oração anterior e complementa o verbo “desenvolver”. Desdobrando essa frase e eliminando o pronomes, temos duas informações:

(1) *a educação é um tema interessante* e (2) *podemos desenvolver esse tema a partir de diferentes perspectivas de análise.*

O pronomes relativo serve exatamente para evitar a repetição da palavra “tema” na fusão dessas informações e colaborar para a coesão do texto. Na frase, a expressão *esse tema* complementa o verbo *desenvolver*. Se quem desenvolve, desenvolve *algo*, no caso *esse tema*, não há a necessidade de preposição após o verbo, pois *desenvolver* pede um complemento direto, ou seja, sem preposição. Assim, a forma mais adequada de se utilizar o pronomes relativo nessa frase é: *A educação é um tema interessante, o qual podemos desenvolver a partir de diferentes perspectivas de análise.*

Outro exemplo: Editou-se uma lei *na qual* acreditamos, *com a qual* simpatizamos e *pela*

qual lutamos.

Vejamos a regência desses verbos, respectivamente: acreditar *em*, simpatizar *com* e lutar *por*.

Desdobrando: Editou-se uma lei, acreditamos *na* (em+a) lei, simpatizamos *com* a lei, lutamos *pela* (por+a) lei. *Em*, *com* e *por* são preposições.

Nos casos em que o pronomes relativo tem a função de complemento do verbo, devemos observar a regência desses verbos, ou seja, a necessidade ou não de preposição, e de qual preposição, caso necessária.

Obs.: o *que*, pronomes relativo de uso frequente, poderia, nas frases acima, estar no lugar do pronomes *qual*. A necessidade de observar a regência, contudo, seria a mesma.

Regências idênticas ou diferentes – Por uma

questão de concisão, usamos um único e mesmo complemento para dois ou mais verbos se estes tiverem regências idênticas. Exemplos: *Encontrou-se e jantou com o amigo.* [Encontrou-se *com* o amigo e jantou *com* o amigo.] / *Confiava e acreditava no discípulo.* [Confiava *no* discípulo e acreditava *no* discípulo.] Se as regências forem diferentes, contudo, devemos modificar a construção da frase. Assim: *Li e gostei do artigo.* [Li *o* artigo e gostei *do* artigo.] = regências diferentes, portanto, uma construção inadequada. Uma possibilidade: *Li o artigo e gostei do seu conteúdo.*

A frase a seguir tem algum problema de regência? *Não conheço nem me interessa pelo seu trabalho.*

[Não conheço o seu trabalho. Não me interessa pelo seu trabalho.] Regências diferentes. Problemático



Em busca de medalhas

Esporte universitário

Equipes da UFRGS conquistaram 10 troféus em jogos estaduais este ano e seguem disputando títulos em campeonatos nacionais

No final do mês de agosto ocorreu a 33.ª edição dos Jogos Universitários Gaúchos (JUGs). Essa competição é uma das maiores realizadas entre universidades aqui no estado. As equipes vencedoras foram classificadas para disputar os Jogos Universitários Brasileiros (JUBs). O que talvez muitos não saibam é que a UFRGS classificou seus times de voleibol masculino, xadrez feminino, natação masculina e feminina, e judô masculino para a competição brasileira, que está sendo realizada no momento do fechamento desta edição do JU, em Foz do Iguaçu, no Paraná.

Este ano, os atletas da UFRGS conquistaram 10 troféus na competição estadual: primeiro lugar para as equipes de natação, voleibol masculino e xadrez; segundo lugar para as equipes de basquetebol masculino e voleibol feminino; terceiro lugar para futsal feminino, atletismo e handebol feminino; quarto lugar para a equipe de judô (com um atleta campeão na categoria pesado) e o oitavo lugar para o futsal masculino. A delegação contou com a participação de 170 atletas, entre estudantes e servidores técnico-administrativos. A UFRGS foi a única universidade a competir em todas as modalidades. Já na última edição da Copa Unisinos, realizada no final do mês de setembro, a Universidade ganhou o primeiro lugar em três modalidades do atletismo, nos times femininos de vôlei de praia, futsal e xadrez, assim como no xadrez masculino; segundo lugar com o futebol de campo masculino, voleibol masculino e feminino e xadrez masculino; e terceiro lugar com os times masculinos de rúgbi, handebol e xadrez.

A seleção dos jogadores que irão participar dos times é realizada anualmente

Histórico – A organização das equipes teve início em 2005 quando o reitor José Carlos Ferraz Hennemann convidou o ex-diretor do Colégio de Aplicação, Jorge Luiz Day Barreto, para coordenar o projeto *O Esporte Universitário no âmbito da UFRGS*. A iniciativa tem como princípio incentivar o esporte na Universidade por meio de atividades não só esportivas, mas também recreativas, culturais e de lazer.

O projeto deu origem à Coordenação de Esportes da UFRGS, que não existe de direito, mas sim de fato. Na sua criação, contava apenas com duas equipes das modalidades basquete e lutas. Já no ano seguinte, com o apoio de alguns professores da Educação Física, o projeto expandiu-se e conquistou oito medalhas. Equipes mais competitivas e de outros esportes foram montadas para recolocar a UFRGS no espaço do esporte nacional. Para isso, foi incrementado o marketing e a divulgação das equipes para que mais

alunos pudessem participar dos times.

Atualmente, a Universidade conta com doze times nas modalidades basquetebol, atletismo, futebol de campo, futsal, voleibol, handebol, tênis, xadrez, vôlei de praia, lutas (jiu-jitsu, judô e karatê), polo aquático e natação. A média de troféus conquistados por ano fica em torno de 20, levando pelo menos uma equipe aos Jogos Universitários Brasileiros. Além de competições de cunho universitário, as equipes participam de campeonatos municipais e estaduais e de algumas outras copas, como a Copa Cruzamento e a Copa Unisinos. Quando as competições não são de caráter acadêmico, podem participar dos times ex-alunos da UFRGS. A natação é o esporte que mais se destaca, já que em todos os anos tem marcado presença nos JUBs, assim como o judô, embora com um menor número de atletas.

Barreto conta que quando ingressou na UFRGS, em 1972, como estudante do curso de Educação Física, os times não eram muito organizados e a maioria era composta somente por alunos da ESEF. Eles mesmos tinham de se juntar e decidir de quais campeonatos iriam participar. A seleção para o brasileiro também era diferente: em vez de irem somente as equipes campeãs, iam atletas de diferentes universidades, que formavam a seleção gaúcha que competia contra as seleções dos outros estados.

Incentivo e manutenção – Segundo o coordenador de esportes, as competições universitárias estão dominadas pelas universidades privadas. “Aqui na UFRGS é assim: o pessoal estuda, estuda, treina e joga quando der. Enquanto na Feevale o pessoal treina, treina, treina, treina, joga, joga e estuda.” Ele explica que isso ocorre pelo fato de outras universidades oferecerem bolsas para os alunos jogarem representando os seus times. Não somente os alunos da graduação, mas muitos ex-alunos da UFRGS ganham bolsas para cursarem o pós em uma instituição particular. Barreto não se diz contra, inclusive pensa que é um bom incentivo para a prática do esporte. Na última edição do JUGs, a Universidade deixou escapar o primeiro lugar no basquete masculino para a Feevale. A rivalidade entre elas é grande e, na maioria das vezes, acabam se enfrentando nas finais dos campeonatos.

Para manter o projeto, a UFRGS tem um convênio com o Santander Universidades, que financia a compra e manutenção de materiais, uniformes e taxas de inscrição das competições. A alimentação, o transporte dos atletas e os técnicos são pagos pela Universidade. Nos torneios em que há a necessidade de faltar às aulas, os estudantes recebem atestados. Quando há uma dificuldade de liberação por parte dos professores, Barreto conversa com eles para que o atleta não se prejudique nem na matéria nem no campeonato.

A seleção dos jogadores para participarem das equipes ocorre por meio de peneiras realizadas anualmente. Os alunos já têm de saber o básico de como jogar, pois os treinamentos servem para aprimorar a parte técnica e a criação da parte tática do grupo. O técnico dos times de handebol, Guilherme Caporal, explica que eles disputam todas as com-



A equipe de futsal feminino da UFRGS conquistou o primeiro lugar na Copa Unisinos, realizada em setembro

Do time do Aplicação para o da Universidade

Leticia Ribas, aluna do 4.º semestre de Fisioterapia, jogava futsal pelo time do Colégio de Aplicação e, hoje, joga pela equipe da UFRGS. Ela lembra que nos tempos de colégio “as gurias não levavam os treinos muito a sério, porque o horário era ruim; ou nós almoçávamos, ou treinávamos. Era sempre uma correria por causa das aulas. Já na faculdade, sinto que os treinos e as competições são levados com mais seriedade e mais organização”. Atual campeã da Copa Unisinos, Leticia considera que as experiências dos campeonatos que disputou enquanto estudou no Aplicação foram muito importantes para a sua bagagem como atleta.

petições do Calendário Universitário e outras mais que os atletas se dispõem a jogar, sempre com o apoio da Coordenação. Para jogar a Copa Unisinos, a preparação ocorreu com algumas horas a mais de treino. Guilherme é aluno do quarto semestre de Educação Física e trabalha desde 2011 como monitor para o professor Barreto, treinando as equipes de handebol. Os treinos acontecem duas vezes por semana e contam com a presença de mais ou menos 17 atletas no masculino e 14 no feminino. A grande dificuldade dos alunos é conciliar os treinos com as aulas, pois os horários de treinamento são complexos, devido à disponibilidade do ginásio.

Sem rivalidade – Para o atleta Bruno Tomazi, aluno do segundo semestre de Educação Física, treinar basquete na UFRGS é mais legal do que em clubes, pois os treinamentos são um pouco mais soltos. Alguns atletas são convidados pelo professor Mario Brauner, técnico e coordenador do time de basquete, para participar das equipes. Assim como Bruno, há alunos que também jogam em clubes e já participaram das seleções gaúcha e brasileira. Cássio Paltiano joga rúgbi em um clube e pela Universidade e destaca que a rivalidade é deixada de lado: “Mesmo o time sendo composto de atletas de várias equipes do estado, todos conseguem jogar juntos do início ao fim, deixando a rivalidade de lado”.

Hoje, a UFRGS tem cerca de 450 atletas e 120 troféus de primeiro, segundo e terceiro lugares. O professor Barreto

ressalta que ainda há poucos lugares para a prática do esporte na Universidade, assim como não há um espaço apropriado para guardar e expor os troféus. Para ele, se as pessoas pudessem ver a quantidade de prêmios conquistados, se sentiriam mais motivadas a participar das equipes.

O Colégio de Aplicação também mantém equipes de futebol masculino, futsal masculino, voleibol feminino, handebol feminino, basquete masculino e atletismo. Esses times disputam campeonatos escolares, como a Copa Paquetá, a Copa Coca-Cola, o Guri Bom de Bola e os Jogos Escolares do Rio Grande do Sul (JERGS). Amistosos com outros colégios são feitos para que o calendário esportivo não se torne tão pequeno, como, por exemplo, o JERGS, que acontece somente em um dia. Alguns desses jogos amistosos são realizados contra times de alunos mais velhos, para

que se adquira uma maior experiência para as próximas vezes. O professor Luiz Severo explica que o Departamento de Educação Física trouxe alguns jogos para serem sediados no Colégio para chamar a atenção dos estudantes e motivá-los a participarem das equipes e, também, para os próprios atletas desenvolverem a confiança, jogando em casa.

Há um projeto de renovar os times, para que eles se mantenham por mais tempo jogando juntos e que adquiram um maior entrosamento. O Colégio de Aplicação já foi campeão várias vezes nas modalidades atletismo, basquete, voleibol, handebol, futsal e futebol da fase regional do JERGS e do Guri Bom de Bola.

Manuela Martins Ramos, estudante do 3.º semestre de Jornalismo da Fabico



Avaliar não significa punir

Entrevista Luiz Cláudio Costa, presidente do INEP, diz que país precisa gerar conhecimento em avaliação do ensino superior e que cabe às universidades propor intervenções pedagógicas

Ânia Chala

À frente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) desde o início deste ano, o professor Luiz Cláudio Costa esteve na Universidade para proferir a conferência de abertura do *Salão UFRGS 2012*. Ex-secretário de Educação Superior do MEC (2011) e ex-reitor da Universidade Federal de Viçosa (UFV), nesta entrevista exclusiva para o *Jornal da Universidade* ele falou sobre questões como a logística envolvida na aplicação das provas do Enem, os índices de evasão no ensino superior e a necessidade de o país gerar conhecimento na área da avaliação. Também destacou o papel do instituto que preside no processo de internacionalização das universidades brasileiras.

Nos dias 3 e 4 deste mês teremos as provas do Enem 2012. Como foram os preparativos para a realização do exame, inclusive em termos de segurança, por conta de episódios como o vazamento de questões?

Nas edições anteriores, tínhamos em torno de 1.400 itens com os quais se fazia a verificação dos processos e dos subprocessos, desde a elaboração

até o dia da aplicação das provas. Hoje, temos 3.470 itens, colocamos uma lupa em cada uma dessas etapas, visando dar tranquilidade às instituições, aos estudantes e às suas famílias. Esse processo envolve 400 mil pessoas em cerca de 1.600 municípios, com 140 mil locais de prova. É uma operação logística fantástica, que democratizou o acesso à universidade e inverteu a lógica do vestibular. Antes, você se inscrevia em uma ou mais instituições com antecedência e, se tivesse um mau desempenho, estava fora. O Enem inverteu isso, ao permitir que você tenha uma nota única com a qual pode buscar cursos similares em várias instituições. Além disso, dos 5 milhões e 800 mil inscritos confirmados, 4 milhões não pagaram nada para fazer as provas. Temos uma equipe do INEP altamente qualificada e vamos fazer essa grande operação com a ajuda de nossos parceiros – os estados, os municípios, o consórcio aplicador e as universidades que nos auxiliam.

Que medidas o INEP pretende adotar, caso haja algum problema na aplicação ou na correção das provas?

Em recente visita aos Estados Unidos, entrei em contato com a equipe

do College Board, instituição que aplica o SAT Reasoning Test [teste de raciocínio, numa tradução livre], o exame nacional que consiste em uma prova com questões objetivas e discursivas de matemática e de interpretação de textos, além de uma redação, a fim de avaliar o pensamento crítico do candidato. Depois disso, um grupo de especialistas estadunidenses veio ao Brasil conhecer o Enem e ficou impressionado com a logística envolvida. Eles também têm uma série de problemas, pois sempre existe aquele que quer fraudar. Tivemos aquele caso de roubo de uma prova na gráfica que imprimia as provas do exame. Aquilo não foi uma questão de gestão! Foi um crime, e não podemos dizer que houve negligência do poder público. Se você tem a ousadia de fazer isso num exame que envolve milhares de jovens, é preciso que haja punição. O Enem nos prepara para enfrentar a questão das cotas e os desafios do ensino médio. Contudo, o operacional e o logístico não podem se colocar acima de toda uma proposta de indução de melhoria no ensino médio – é para isso que criamos o exame.

A que fatores o senhor atribui os altos índices de evasão registrados em

boa parte das universidades brasileiras?

A evasão tem múltiplas causas, e sobre algumas nós podemos atuar. Outras não, pois envolvem questões de foro individual. É o caso daqueles que se equivocam na escolha do curso e decidem abandonar a universidade. Estamos fazendo um refinamento no INEP, que é o órgão responsável pelo censo da educação superior e que também faz os instrumentos de avaliação. Quero colocar a evasão como um instrumento decisivo para a avaliação, ou seja, a instituição vai ser avaliada também pela sua taxa de evasão. Não se trata de avaliar no sentido de punir ou de premiar, mas para permitir intervenções pedagógicas a fim de reduzir a evasão. É preciso que essa dimensão seja considerada na avaliação porque, se eu for uma instituição muito bem avaliada em todos os outros indicadores, mas tiver uma taxa de evasão altíssima, não estarei cumprindo o meu papel. Há alguns anos, quando uma pessoa mudava de curso, ela era considerada evadida. Mas hoje sabemos que ela simplesmente migrou de um curso X para um curso Y, porque adotamos um acompanhamento das matrículas via CPF. Os dados do Censo de Ensino Superior têm se revelado um instrumento fantástico para o norteamento da educação superior brasileira. Por exemplo, pelo Censo sabemos que em torno de 40% das matrículas estão concentradas em cinco cursos. São cursos importantes, porém tamanha concentração não me parece boa para o país. Acredito que deveríamos ter uma matriz mais diluída, atendendo a todas as áreas para o bem de nosso crescimento, porque não podemos ter um único modelo de crescimento para atender a uma área X ou Y. Temos outra questão que vai nos levar a olhar para isso, mesmo que seja de forma pragmática, que são as cotas. Se não tivermos toda uma estrutura para enfrentar esse problema, alguém poderá dizer que com a lei das cotas a evasão tende a se agravar. Eu não acho que isso seja verdade, mas é preciso um olhar atento.

Mas quais seriam as estratégias para reduzir esses índices? Fala-se em um plano nacional para evitar a evasão em áreas como a engenharia, por exemplo?

A evasão na engenharia chega a 30 ou 40%, o que é um índice realmente preocupante. Como ela tem múltiplas causas, a primeira coisa que precisamos é fazer cada universidade se conhecer. Cada instituição tem de saber qual é a sua taxa de evasão, porque não dá para pensarmos num modelo único de norte e sul deste país, seja para as instituições públicas ou privadas. Gostaria que as instituições de ensino superior brasileiras, principalmente as públicas, fizessem uma boa autoavaliação, capaz de permitir a realização de intervenções pedagógicas. Nós temos a evasão motivada por questões financeiras ou dificuldades de acompanhamento dos estudantes, mas não há como negar que o governo investiu muito. Em uma década, passamos de praticamente zero para 600 milhões, recursos que hoje permitem que as universidades atendam seus estudantes em situação de fragilidade social e econômica. Agora, temos casos de mau rendimento de quem, por exemplo, passa no vestibular e depois enfrenta problemas de adaptação. Aí é preciso analisar também o perfil do estudante que está chegando ao ensino superior. Há pouco, solicitei um estudo para verificar como é o primeiro ano nas instituições de ensino superior, que é o mais difícil. Já sabemos que os maiores índices de reprovação e de evasão estão no sexto

ano da educação básica e no primeiro ano do ensino médio. Isso porque existe uma transição: no sexto ano a criança deixa de ter um único professor e passa a ter muitos, e ela sente isso. Já no primeiro ano do ensino médio há uma mudança, pois o aluno passa a ter até 19 disciplinas em alguns casos. Eu tenho a convicção de que isso se repete no primeiro ano do ensino superior, no qual temos indícios de uma maior taxa de abandono e evasão. Por quê? Primeiro, porque o estudante está chegando cada vez mais jovem à universidade. Um jovem de 16 ou 17 anos que conclui o ensino médio e ingressa no ambiente de uma universidade precisa de um acompanhamento nesse ano, que talvez seja o mais importante em sua vida estudantil. É preciso que haja um sistema lembrando que somos educadores e que a universidade não é simplesmente uma instituição que passa técnicas. Ela educa na sua plenitude.

O MEC lançou um edital para financiar pesquisas sobre metodologias e técnicas de avaliação do Enem, com recursos da ordem de 2 milhões de reais. A avaliação ainda é uma área deficitária tanto em escolas do ensino fundamental e médio quanto nas universidades?

Quando assumi o INEP, algumas das questões com que me deparei envolviam a correção das provas de redação do Enem. Houve muitas críticas por parte dos jovens e de suas famílias que considerei legítimas. Fiz então uma proposta de mudança, mas tratei, primeiro, de olhar o que o mundo fazia. Fizemos estudos longos, corrigimos mais de cinco mil redações e uma das conclusões a que cheguei foi que o Brasil não estava gerando conhecimento em avaliação. Então, reduzimos a discrepância para 20% e instituímos uma banca de correção com três especialistas. O aspecto operacional foi equacionado, mas esse problema só será resolvido em definitivo se tivermos geração de conhecimento. Por isso, lançamos esse edital, e várias instituições federais já se inscreveram. O interessante é que observamos que em nossos cursos de pedagogia não temos disciplinas sobre avaliação. Como vou formar um professor que não conhece avaliação?

Qual será o papel do INEP no processo de internacionalização das universidades do país?

Primeiro, temos de falar na avaliação: quando houve a expansão do ensino superior no Brasil e foi criada a Lei do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), nossa preocupação era quanto à regulação e à supervisão. A Constituição permite que instituições privadas ofereçam ensino superior, e o governo entrou com a questão da qualidade, porque educação não é um produto. Educação é um serviço social que precisa ser oferecido com qualidade. O Sinaes estabeleceu um patamar de qualidade para a regulação e supervisão, e mostrou os nichos de excelência que temos em nosso país. Mas essa ainda não é uma avaliação que nos permita fazer o salto que queremos dar – o salto da internacionalização e da globalização. O programa *Ciência sem Fronteiras* representa uma política de Estado voltada para essa área. Hoje o Brasil é o 13.º produtor de ciência nova do mundo, mas no ranking das 200 melhores universidades do mundo temos apenas uma única instituição brasileira de excelência que é a USP. Queremos propor um programa de avaliação internacional, capaz de mostrar que temos um conjunto de universidades que merece estar melhor representado.



“Universidade não é simplesmente uma instituição que passa técnicas. Ela educa na sua plenitude”



FLAVIO DUTRA/JU

Para o escritor e historiador da ciência que esteve na UFRGS, os seres humanos procuram e encontram evidências para aquilo em que já acreditam, ignorando quaisquer contestações

Verdade e crença

Michael Shermer
Pensador questiona os mecanismos do cérebro que nos fazem acreditar

Michael Shermer falou ao público da Expointer sobre a presença da tecnologia na agricultura contemporânea. A frase anterior é uma afirmação falsa que, se não desmentida, poderia ser tomada como verdade. E foi sobre isso – por que acreditamos no que acreditamos – que Michael Shermer palestrou em agosto, no *Fronteiras do Pensamento*.

A principal teoria de Shermer é a de que o cérebro humano é feito para acreditar, e para isso constrói padrões e cria evidências que os comprovem. Psicólogo e historiador da ciência, em suas obras ele investiga como as pessoas formam suas crenças sobre o mundo e o que acontece nesse processo que torna tão difícil, senão impossível, abandoná-las.

Recentemente, ele lançou no Brasil seu livro “O Cérebro e a Crença”, que sintetiza 30 anos de pesquisa na área. Autor de “Por que as pessoas acreditam em coisas estranhas?”, além de outras nove obras sobre a evolução das crenças e condutas humanas, fundador da revista *Skeptic* e colunista da *Scientific American*, Michael Shermer conversou com a equipe do JU sobre sua obra e as razões pelas quais nós, seres humanos, temos necessidade de acreditar – em qualquer coisa.

Por que nós precisamos acreditar?

Meu argumento é que acreditar é uma função do cérebro. Ele forma conexões entre as coisas, o ambiente, o mundo. Procura relações causais entre essas coisas e as agrupa em sequências, na forma

de histórias. Todos fazem isso, é parte da nossa natureza. A psicologia cognitiva mostra que não podemos não formar crenças – é parte das funções do cérebro, acontece naturalmente.

Como podemos saber que algo é creditável?

O único método confiável que nós temos para descobrir isso é a ciência. É a única maneira de testar alegações para confirmar se uma crença não é só resultado do meu modo de vida, de como fui criado e de onde eu nasci – se não se trata apenas de algo em que eu quero acreditar. É mais ou menos assim: se uma pessoa nasce na Índia, provavelmente será adepta do hinduísmo; no Brasil, provavelmente será católica; nos EUA, protestante; e por aí vai. Mas não existe, por exemplo, uma física indiana, brasileira ou americana; existe apenas a Física. Isso nos mostra a diferença entre ciência e religião. A ciência tem a capacidade de descobrir algo que realmente existe, enquanto religiões são obviamente construções humanas, socialmente estabelecidas, geograficamente determinadas.

O que nos convence de que determinada crença é real? Como o que acontece com as religiões, por exemplo?

O que nos convence é o que eu chamo de biose cognitiva, que é uma espécie de mecanismo de confirmação. Nós procuramos e encontramos evidências para aquilo em que já acreditamos e então ignoramos as contestações. Só percebemos os sucessos – as coisas que parecem alimentar e sustentar nossas crenças – e simplesmente ignoramos, ou não notamos, as evidências contrárias. Dito de outra maneira, uma das coisas que a ciência faz é forçar a pessoa a expor suas ideias a outros e apontar exatamente como chegou a elas. Isso para que outra pessoa possa checar e ter certeza de que a primeira não estava sujeita à biose

cognitiva – porque, se você não estiver atento, outros estarão.

Por que algumas pessoas são crentes e outras, céticas?

Bem, a maioria de nós é crente a respeito de muitas coisas. O ceticismo requer um esforço extra, é preciso conscientemente se educar para ser cético. E com prática é possível fazer isso, muitas pessoas conseguem. Então, com a experiência, por exemplo, de cair em golpes na internet ou algo assim, nós ficamos céticos diante de pessoas tentando nos vender alguma coisa ou de promessas de ganhar muito dinheiro facilmente. Nós nos tornamos céticos com o tempo, é assim que acontece. Com prática, educação e experiência, você aprende a ser cético.

O que você aprendeu durante sua vida que o fez passar de crente a cético? [Antes da graduação em Psicologia e Biologia, Shermer foi religioso e estudou Teologia Cristã.]

Penso que estudar o mundo sob uma perspectiva científica, que exige de você evidências, razão e lógica para fazer afirmações, me mostrou quantas crenças não são bem embasadas e como nós acabamos acreditando em coisas só porque alguém disse, porque nossos pais, nossos amigos ou professores acreditavam. Dessa maneira, uma vez que se começa a pensar sobre essas coisas, descobre-se que há muito mais que nós simplesmente não sabemos ou não conhecemos realmente.

Por que alguns de nós parecemos ter necessidade de acreditar em um poder maior? De onde vem essa necessidade?

Acho que a crença em um poder maior de qualquer tipo vem de uma determinada parte do cérebro, provavelmente dos lobos temporais – você pode chamá-la de “a parte de Deus do cérebro”. Por causa dela, tendemos a enxergar ao

nosso redor forças escondidas, atividades, intenções. Coisas lá fora, soltas pelo mundo, que nós não podemos ver – não apenas Deus, mas anjos, demônios, alienígenas, poltergeists, espíritos. Essa parte do cérebro é a base de todas as crenças desse tipo, e nossos cérebros parecem simplesmente cair nessa e acreditar.

Acreditar é uma forma de as pessoas fingirem que entendem o universo?

Nós temos que acreditar em algo. Então, exceto quando não acreditam em nada, as pessoas vão aceitar qualquer coisa que aconteça: o que quer que encontrem, o que vejam na tevê ou leiam em uma revista, o que os pais ou o pastor ou os professores digam. O que nós tentamos fazer na *Skeptic* é oferecer ferramentas cognitivas que podem ser aplicadas a qualquer crença. Como você sabe que é verdade? Onde está a evidência? Essas são as questões.

Qual a diferença entre a realidade e o que nós pensamos ser a realidade?

Ciência. A ciência é o melhor método. E eu acredito que existe uma realidade. O caso é que é muito difícil para nós saber onde ela está, porque nossos cérebros não são perfeitamente evoluídos para fazer a correspondência entre o mundo real e os nossos sentidos. É como quando você olha a tela do computador e vê todos os ícones, como a lixeira. Nós pensamos que ela funciona como uma li-

xeira de verdade: amassamos uma coisa e jogamos fora. Mas o que acontece dentro do computador não é nada disso. Não há correspondência entre os ícones na tela e o que acontece internamente. É mais ou menos assim com o mundo: existe um mundo real e existe o que nossos cérebros pensam que ele é.

Então gostamos de ser enganados?

Sim, mas nós não achamos que estamos enganados. Acreditamos que temos a verdade. Ninguém adere a um ritual religioso: as pessoas aderem a uma boa causa que elas acreditam que vale a pena. E só mais tarde, por meio de um “insight retrospectivo”, elas podem perceber que foram enganadas.

É possível mudar nossas crenças?

Sim, claro. As pessoas mudam suas crenças. Depende das condições: quanto mais jovem, mais fácil. E quanto menos comprometida a pessoa estiver, também mais fácil será mudar de opinião. Se você tem um trabalho e é pago com base em suas crenças, é muito improvável que você vá mudar. Se você é adepto a uma religião e todos que você conhece também são, é muito improvável que você vá mudar. Mas, se você não tem um nível grande de comprometimento, existe uma chance.

Priscila Kichler Pacheco, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabico

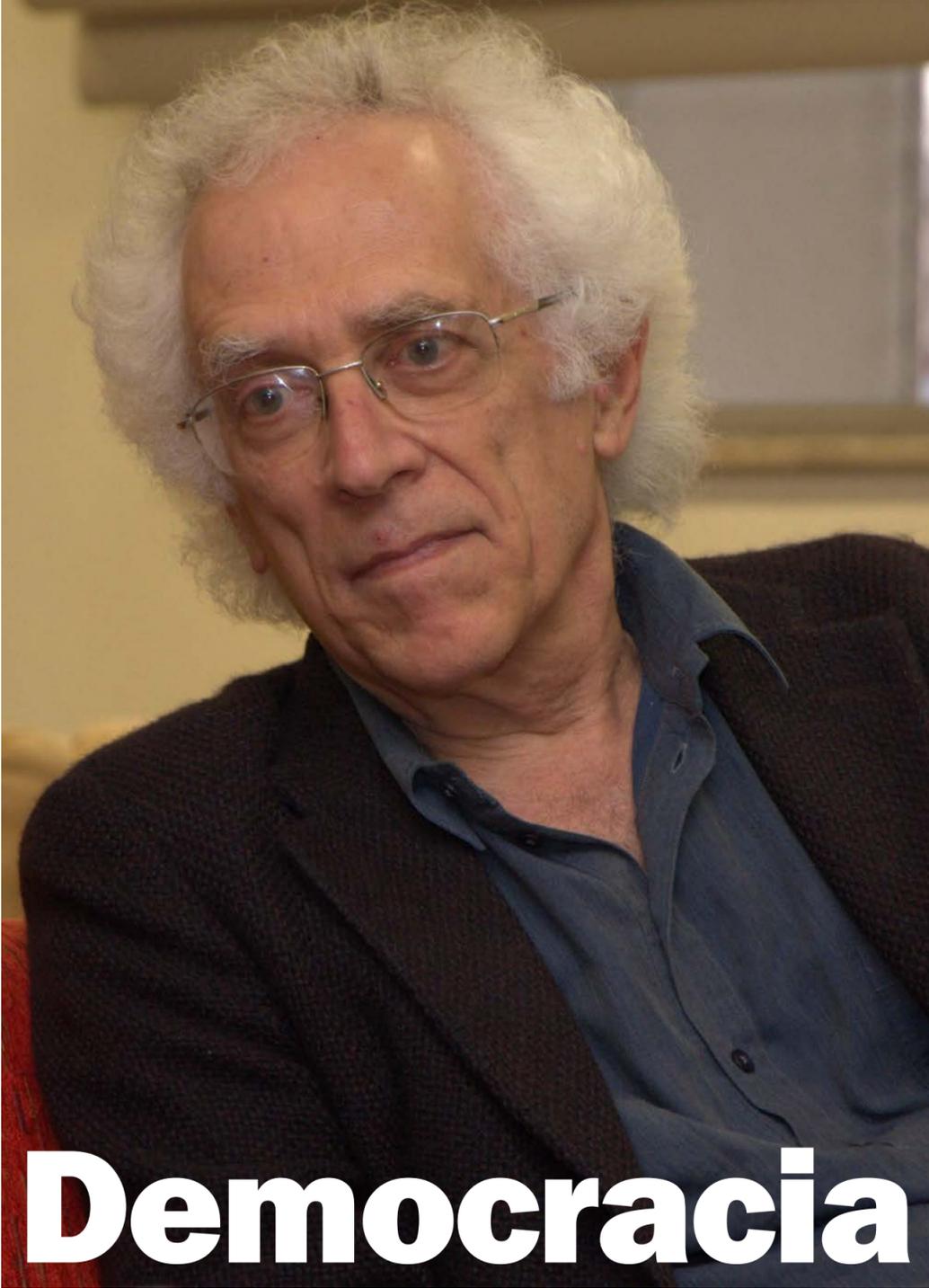
Sociedade cética

Além de fundador da revista *Skeptic*, Michael Shermer é o diretor executivo da *The Skeptics Society* (A sociedade dos céticos), dedicada a promover o chamado ceticismo científico. O grupo liderado por Shermer, hoje com 55 mil membros, tem por objetivo incentivar o pensamento crítico e ser uma ferramenta educacional para aqueles que procuram um ponto de vista embasado na ciência. Para saber mais, acesse www.skeptic.com.



CADINHO ANDRADE/JU

Para Todorov, a globalização reduziu o intento básico da democracia, que é proteger as condições de vida da população



Democracia para além da liberdade

Política O escritor franco-búlgaro Tzvetan Todorov reflete sobre as exigências e os desafios do regime na atualidade

Embora seja mais conhecido no meio acadêmico por suas contribuições na área da teoria literária, Tzvetan Todorov dedicou seu livro mais recente, *Os Inimigos Íntimos da Democracia* [leia resenha na página 12], ao campo das reflexões políticas. Mas o interesse pelo tema está longe de ser uma novidade para o pensador. Nascido na Bulgária soviética, o autoritarismo governamental foi presença constante nas primeiras duas décadas de sua vida. Quando em 1963, aos 24 anos, ele trocou Sófia por Paris para dar prosseguimento aos seus estudos, conheceu um regime político completamente distinto. O pensador acabou por se naturalizar francês, e grande parte de sua formação intelectual se deu sob a luz desse contraste. Em setembro, Todorov visitou Porto Alegre para participar do ciclo de palestras *Fronteiras do Pensamento*. Em entrevista exclusiva para o JU, falou sobre a ideia de democracia, suas transformações e as ameaças que ela vem enfrentando.

Como você definiria a democracia, e qual a importância da liberdade para ela?

A palavra “democracia” implica que o poder esteja na mão do povo.

Esse é o seu significado original. Mas desde que ela foi criada na Grécia, há 25 séculos, novos ingredientes foram acrescentados à sua fórmula. Uma das grandes mudanças diz respeito à noção de indivíduo. O indivíduo não era um conceito político na Grécia Antiga, ele não era considerado uma entidade por si só. Era apenas um membro da multidão. Mas, desde a Reforma Protestante, houve na Europa uma insistência cada vez maior de que, assim como a entidade coletiva, os indivíduos também tinham direitos enquanto tais. Isso foi uma mudança crucial em nosso conceito de democracia. Por exemplo: quando a Revolução Francesa obteve êxito, achava-se que estava sendo introduzido um regime radicalmente novo. Mas a população descobriu que não tinha mais poder do que sob a égide de Luís XVI, porque o governo recém-eleito podia ser tão ditatorial quanto o rei e suas corte. Assim, a exigência de liberdades individuais e o respeito à dignidade do indivíduo foram acrescentados à definição de democracia. Outros aprimoramentos também foram agregados ao longo da história. Um exemplo é a ideia de tolerância, que tem sua origem na consideração para com as pessoas que não tinham a

mesma fé da maioria, uma vez que na Europa conviviam católicos e protestantes. Essa ideia também foi transposta como um princípio democrático – não mais em relação às diferentes religiões, mas às opiniões políticas divergentes. Outra característica da democracia é que ela se opõe a governos e a visões de mundo conservadoras, e isso implica o aprimoramento do nível econômico e social da população. Ainda há outras: o fato de que cada poder deve ser limitado a partir de certo grau de expansão, de que o parlamento não pode decidir tudo porque há uma constituição que restringe sua atuação, e assim por diante. Isso tudo fez da democracia uma espécie de estrutura complexa, com um balanço singular entre diversas exigências. A de liberdade é uma delas, mas é importante não apresentá-la como a única exigência da vida democrática. A igualdade de todos perante a lei, por exemplo, é uma condição central para a democracia. Há alguns Estados nos quais a liberdade individual é respeitada, mas que não são democráticos por não concederem direitos iguais a todos. Como Israel, em que a população árabe não tem os mesmos direitos da população judia. Assim, embora seja importante, a liberdade deve ser

limitada por outras exigências que também estão em ação na sociedade. Isso é particularmente verdadeiro em termos econômicos porque a doutrina ultraliberal em voga afirma que o único papel do Estado é eliminar todas as restrições à liberdade individual. Mas livres de restrições os mais poderosos teriam total liberdade para explorar continuamente a camada mais frágil da população. Portanto, é evidente que a liberdade não pode ser o único princípio da democracia.

Em que situações a liberdade pode ser perigosa para a democracia?

Se você diz a um empreendedor que ele tem a liberdade de demitir a maioria de seus empregados e deslocar suas fábricas para Bangladesh porque lá os impostos são mais baixos, isso é um tipo de liberdade. Mas, ao concedê-la, estamos esquecendo de todas as outras exigências da vida democrática. Trata-se de uma situação nova. A liberdade econômica irrestrita é uma demonstração de como a liberdade pode se tornar perigosa. Ao longo da maior parte do século 20, as principais ameaças vinham do Estado, que tinha a tendência de multiplicar sua força. E, no caso dos países comunistas, era o único proprietário de terras, de fábricas, de tudo. Assim, se você discordasse de seus representantes, estava condenado a morrer de fome, porque não poderia trabalhar para ninguém mais. Agora é o poder dos indivíduos que ameaça o sucesso de uma vida comum. No entanto, isso não quer dizer que a situação não possa vir a ser revertida e que o Estado se torne muito poderoso, voltando a impor sua vontade sobre os indivíduos.

Como isso pode ser evitado por um governo sem que ele corra o risco de se tornar totalitário?

Há uma anedota sobre a raposa no galinheiro: se você der liberdade total à raposa, ela obviamente comerá as galinhas. Então, é óbvio que as galinhas não disfrutam da mesma liberdade que a raposa. A liberdade lhe concede poder. Ter a liberdade de fazer algo no espaço público significa que você tem o poder para fazê-lo – e poder é algo que deve ser limitado. Mas, tampouco, deveríamos ir ao outro extremo. A democracia é por definição um regime em que exigências distintas se restringem mutuamente. Não devemos esquecer que há algo chamado “bem comum”. Estamos interessados em ter um Estado forte que pague para que haja bons hospitais, colégios, universidades, estradas, ferrovias, etc. – essas coisas das quais todos tiram proveito. Mas isso não quer dizer que ele deva controlar nossas vidas privadas. Ele deve defender o bem comum, mas não decidir nossa religião, o homem ou a mulher com quem nos casaremos ou a cidade e o país onde viveremos. Isso pode parecer absurdo, mas essas coisas eram decididas pelo governo da Rússia nos primeiros anos após a revolução. Por isso, devemos buscar um ponto médio entre o controle total do Estado e sua desapareição.

Que influência as ideias ultraliberais e a globalização têm sobre a democracia?

Há uma grande influência. Com a globalização, os governos podem governar cada vez menos porque grande parte da economia, que é uma parcela enorme da vida em sociedade, escapa ao controle dos órgãos políticos. Frequentemente, quem controla uma fábrica na Alemanha, na Itália ou em qualquer lugar é um fundo de pensão norte-americano, brasileiro ou de outro país – e o fundo não está preocupado com o destino dos funcionários da fábrica. Portanto, a globalização diminui o intento básico da democracia de proteger e aprimorar as condições de vida da população.

Nesse contexto, como os governos podem garantir sua soberania?

Acredito que os países pequenos estão condenados a buscar proteção

na união com outros países, pois não podemos – ou não queremos – reverter totalmente o processo da globalização, que foi favorável ao desenvolvimento de diversas partes do mundo. Mas talvez possamos conceber amplos segmentos dentro dos quais a globalização funcione bem e buscar uma relação mais balanceada entre eles e o resto do mundo. É exatamente isso que a União Europeia está tentando instituir: ela criou um mercado e um projeto econômico em comum para seus membros – mas não os órgãos políticos correspondentes e, por causa disso, está sofrendo ataques do mercado livre. Acredito que o Brasil, um país vasto de possibilidades tremendas, poderia se tornar um líder de certa parte da América do Sul e ter um papel positivo nesse sentido: estar apto a proteger-se de ataques vindos de fora, favorecendo o desenvolvimento econômico dentro do continente.

“A liberdade lhe concede poder, mas o poder é algo que deve ser limitado”

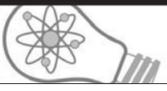
Quais são as principais ameaças à democracia no mundo contemporâneo?

Depende das circunstâncias. Podemos acreditar que o messianismo político nos levará à utilização de armas nucleares. Nessa perspectiva, esse seria um perigo maior, pois ameaçaria a sobrevivência de toda a humanidade. Em tempos de paz, o messianismo perde importância, e algo como o neoliberalismo pode assumir esse posto, uma vez que sua ideologia propagou-se por todo o mundo. De certa maneira, todos se comportam como se essa fosse a ordem natural das coisas e todos deveriam obedecer às suas regras, porque assim é a vida. O neoliberalismo é percebido como uma lei evolutiva darwiniana – coisa que não é. Em tempos de paz, talvez seja mais importante resistir a esse tipo de destruição da democracia que chamamos de ultraliberalismo.

Por que a democracia é melhor do que as outras ideologias que conhecemos e por que deveríamos lutar por ela?

Não acredito que a democracia, ao menos no formato em que a conhecemos, permanecerá sendo para sempre o melhor regime possível. Não acho que ela seja um paraíso; até o momento, no entanto, não vejo alternativa plausível. Estou comparando-a com regimes que tiveram existência de fato – o fascismo, o nazismo, o modelo russo de comunismo, a teocracia iraniana –, e em todos esses casos eu creio que temos bons argumentos para afirmar que a democracia é uma opção melhor. Também acho que podemos argumentar de maneira semelhante contra as perversões da democracia, tema do meu livro, e alegar que uma oligarquia em que poucas pessoas governam o destino de um país não é o melhor que a democracia pode oferecer à população como um todo. Isso não quer dizer que já encontramos a forma perfeita de governo. É evidente que não. Podemos ver isso em todos os casos nos quais a democracia é perversida ou mal empregada. Mas ela tem uma virtude suprema, que é a aceitação de críticas. Não podemos criticar uma ditadura quando vivemos em uma, mas podemos criticar a democracia mesmo estando dentro dela. Por isso, ela pode ser transformada desde o seu interior – e esse é o maior privilégio alcançado até agora.

Bruno Cobalchini Mattos, estudante do 8.º semestre de Jornalismo da Fabico



Em busca da história



Para os arqueólogos, os achados em escavações trazem à tona objetos de civilizações antigas, abrindo perspectivas para a realização de pesquisas em diferentes áreas do conhecimento

Projeto Apollonia Pesquisadores da UFRGS participaram, em Israel, de escavação que ajuda a compreender o passado do Oriente Médio

Everton Cardoso

Uma lamparina de cerâmica, uma moeda, a ponta de uma lança, paredes de pedra, um chão feito de mosaicos: esses são exemplos de alguns dos elementos que têm permitido o conhecimento da vida dos povos que habitaram a cidade portuária de Apollonia durante a Antiguidade e a Idade Média. O sítio arqueológico que está situado às margens do Mar Mediterrâneo, no território que atualmente pertence a Israel, tem sido explorado por pesquisadores de instituições de diversos países, entre eles um grupo ligado ao Núcleo de História Antiga

do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. No total, estão em Apollonia dezoito séculos de vestígios de povos que, em algum momento da história, ocuparam aquele lugar – seja por conquista, colonização ou ocupação. Por lá estiveram fenícios, persas, greco-macedônios, hebreus, romanos, bizantinos, árabes e normandos. Fundada como *villa marítima* – tipo de cidade portuária romana da Antiguidade –, Apollonia é a única cidade do gênero encontrada no Mediterrâneo Oriental e está localizada no município de Herzliya, 15 km ao norte de Tel Aviv.

De acordo com o professor e pesquisador do Departamento de História Antiga do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e do PPG em História da UFRGS Francisco Marshall, a oportunidade de desenvolver o projeto surgiu com a exposição Arqueologia Hebraica e Mediterrânea, realizada em 1996 na Usina do Gasômetro com acervos trazidos de Israel. “Até então, a UFRGS tinha somente pesquisas em arqueologia brasileira pré-histórica e histórica, principalmente indígena”, explica o arqueólogo. Na avaliação do professor, foi o sucesso do evento realizado em Porto Alegre que serviu de incentivo à proposta de um projeto em conjunto com pesquisadores da Universidade de Tel Aviv. Veio, então, o convite para

que uma equipe brasileira participasse de uma expedição para escavação. Entusiasmado, o grupo da UFRGS apresentou um projeto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs). Aprovada a proposta, 17 pesquisadores – entre acadêmicos de graduação e pós, e também pesquisadores sênior – embarcaram para Israel em julho de 1998. Depois dessa primeira experiência, seguiram-se mais seis expedições, ocorridas em 1999, 2000, 2001, 2003, 2006 e 2012 – esta realizada em agosto passado.

Achados emocionantes – A arqueóloga Raquel Rech, que participou de todas essas expedições e que atualmente coordena o Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal de Santo Ângelo, na região das Missões Jesuíticas no Noroeste gaúcho, diz que a experiência é emocionante. “Embora as expedições sejam um tanto cansativas, o fato de se ter a oportunidade de retirar das areias que encobrem o sítio objetos de milênios de anos e poder pesquisá-los e relacioná-los a diferentes culturas e questões históricas é muito instigante e fascinante”, considera. As descobertas lá realizadas, que serviram de base tanto para sua dissertação de mestrado quanto para sua tese de doutoramento, permitem, segundo a estudiosa, diferentes pos-

sibilidades de pesquisa: religiosidade, cultura, simbologias, arquitetura e urbanismo, economia, arqueologia, conservação e restauro, etc.

O estudante de História da UFRGS Bruno Schnorr também participou da expedição a Apollonia realizada no último mês de agosto. “Para nós, estudantes de graduação”, diz Bruno, “é um privilégio poder trabalhar com a infraestrutura existente para a Arqueologia em Israel. Além disso, o país nos revela muitas faces de um mundo diferente do que estamos acostumados a ver no Ocidente. Há algo de mágico no ar, mistérios e curiosidades diante dos olhos.” Para ele, o grande aprendizado está em enxergar as coisas com outra perspectiva. Entre as descobertas feitas por Bruno no sítio, ele destaca a de uma lamparina muçulmana. “É um objeto muito raro, o segundo desse tipo encontrado em Israel. Foi um momento de muita euforia em toda a equipe brasileira. E eu contei com a sorte: por alguns centímetros não a acertei com uma picareta e a quebrei em vários pedaços”, relata.

Troca de experiências – Para Maria Beatriz Florenzano, professora titular de Arqueologia Clássica e diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo que participou da expedição realizada em 2000, o ponto alto do projeto Apollonia é a

oportunidade para que pesquisadores brasileiros conheçam o trabalho realizado pelos colegas que lá se encontram e possam, a partir disso, promover trocas de conhecimento. Em relação às descobertas feitas no sítio israelense, Maria Beatriz diz que esses achados são bastante reveladores: “Os dados permitem entender o papel político e econômico desse assentamento na região, mostrar elementos da vida cotidiana e da religião da população nessa área, do disciplinamento urbano, etc. A pesquisa nesse sítio coloca mais uma peça no grande quebra-cabeças da história do Oriente Médio”.

O trabalho dos pesquisadores, no entanto, não se encerra nas escavações e pesquisas: há desde programas de formação em temas relacionados até exposições de fotografias, documentos e artefatos, e também atividades educacionais em escolas. Entre as ações de divulgação, a que mais anima Francisco Marshall é a de preparação de réplicas de sítios arqueológicos para que crianças façam pequenas escavações e encontrem esses tesouros. “É uma das coisas mais fabulosas que a gente faz”, avalia. O projeto, porém, tem encontrado dificuldades para a realização das expedições. Como não há verbas suficientes, muitas das despesas de viagem têm de ser arcadas pelos próprios pesquisadores, o que impossibilita a ida de vários deles.

Passado desenterrado

São os artefatos que carregam consigo uma mensagem cultural os que interessam aos arqueólogos. Entre esses objetos capazes de ajudar a desvendar a história, estão cerâmicas, metais, ossos, mármore, vidraria e mesmo pedras – desde que manipuladas de algum modo pelo homem. De acordo com Francisco Marshall, além de permitir entender como era a vida das pessoas e a organização da sociedade em um determinado lugar, os estudos arqueológicos dão pistas para compreender as transformações na paisagem. Entre os principais fundamentos da Arqueologia, o professor e pesquisador destaca a necessidade do resgate preciso do ambiente em que os objetos são encontrados. “Ao longo da escavação são feitos todos os registros possíveis do contexto em tabelas, fotografias e desenhos. Depois da remoção, quando

tudo já foi retirado, não é possível recuperar”, explica. É por isso que o trabalho é lento e exige muito cuidado e paciência.

Depois de designado o sítio em que a pesquisa vai ser realizada, uma das primeiras providências é passar um detector de metais, que deve acusar onde há possíveis objetos. Feito isso, iniciam-se as escavações. Engana-se, porém, quem imagina que isso é feito a golpes de pá ou enxada. Lá vão os arqueólogos com seus instrumentos de escavação, retirando pequenas porções de terra e outros sedimentos, pois a qualquer momento podem se deparar com um delicado objeto que poderia ser quebrado com um golpe mais forte. Francisco diverte-se, dizendo que um arqueólogo é um “pedreiro ao contrário”. Enquanto o trabalhador da construção civil edifica, o pesquisador de vestígios do passado

remoto desconstrói o que fora feito por outros povos. “Dentro da estrutura de um edifício, está no nível arqueológico tudo o que se encontra até se chegar ao ‘nível zero’, que pode ser um piso ou mesmo uma rocha”, esclarece.

“No sítio, os artefatos são separados, identificados, e aqueles que possuem valor científico são preservados. Os demais são descartados”, explica Francisco. Antes de ser levado para um aterro, porém, todo o material é passado por peneiras elétricas a fim de certificar-se de que não há nenhum objeto restante. São baldes e mais baldes de terra. Os objetos que possuem valor arqueológico são, então, limpos e devidamente registrados e fotografados. Depois disso, são levados para os laboratórios das universidades, onde passarão por processos de restauro. A partir desse momento, tem início o

trabalho conhecido como “arqueologia de gabinete”. “Buscam-se parâmetros para interpretar um código distante, uma linguagem de um artefato localizado dois mil anos antes no tempo”, explica o professor de História Antiga. É um processo que, segundo ele, envolve interpretação e imaginação por parte do pesquisador. “É preciso descrever meticulosamente o artefato e, depois, procurar similares. No contexto, pode haver informações sobre a função do objeto”, acrescenta. Além disso, é comum a execução de desenhos para uma percepção mais completa dos detalhes. Feitos todos esses processos, os resultados das pesquisas são relatados em artigos científicos, e estes são, então, divulgados em forma de publicações ou de intervenções em eventos. Essa é uma maneira de fazer circular esse conhecimento que pode servir de referência também a outras pesquisas.



A atualidade de um clássico

“O ser humano mal reconhece os demônios de sua criação” (Albert Schweitzer)

Vera Regina Marques*

Há cinquenta anos, era publicado nos Estados Unidos um livro destinado a fazer história: *Primavera Silenciosa*, escrito por Rachel Carson (1907-1964), tornou-se um marco na literatura ambientalista, por representar o desabrochar de uma visão crítica sobre nossa relação predatória com o meio ambiente.

Numa linguagem simples, objetiva, didática e até poética, essa bióloga marinha e ecologista conseguiu alertar o mundo sobre o processo doentio e perigoso em que estávamos começando a adentrar. Para os que ainda não o tenham lido, seu texto trata, basicamente, dos trágicos efeitos que a aplicação de agrotóxicos, mormente os Organoclorados (OC), teve sobre a fauna e a flora de enormes extensões – estados e províncias – dos EUA e Canadá, a partir da primeira metade do século passado, quando sua utilização tornou-se intensiva e disseminada.

Logo após a publicação, o DDT (um dos organo-

clorados citados no livro) foi proibido nos Estados Unidos, onde se instituiu uma política nacional para o meio ambiente e criou-se a Agência de Proteção Ambiental. A partir daí, sucederam-se, em todo o mundo, iniciativas que desencadearam o debate inaugural sobre as possibilidades de desenvolvimento com preservação da natureza, cujo maior símbolo talvez tenha sido a Conferência de Estocolmo, em 1972. Esse foi o primeiro grande encontro internacional sobre o meio ambiente e o evento onde surgiu o conceito de ecodesenvolvimento. Seguiram-se, então, até o presente, incontáveis eventos que têm postulado a defesa de um crescimento sustentável, com respeito à biodiversidade, aos ecossistemas e comprometido com a manutenção de um mundo viável para as gerações futuras. Para tudo isso, a obra da cientista representou uma alavanca primordial.

No entanto, mesmo transcorrido meio século após o surgimento desse livro pioneiro e, ainda assim, de uma atualidade impressionante por sua capacidade de denúncia e questionamento da confiança cega que a humanidade colocava em uma tecnologia muitas vezes sem ética nem limites, continuamos a presenciar um permanente

processo de envenenamento das águas, do solo e do ar. Paradoxalmente, ao lado de uma consciência ecológica crescente, deparamo-nos constantemente com exemplos de desrespeito ao ambiente, às leis que tentam protegê-lo, e exemplos de indiferença às consequências daí decorrentes.

Há um mês, o jornal Zero Hora, de Porto Alegre, publicou matéria mostrando que o uso de agrotóxicos no mundo cresceu 93% nos últimos dez anos; no Brasil, 190%! Relatou também que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) detectou, em sua última pesquisa anual, resíduos de pesticidas acima do permitido em 28% dos alimentos analisados. O agrotóxico mais utilizado no Brasil, atualmente, é o herbicida Glifosato. Já em 2003, na sua tese de doutorado em Farmacologia Veterinária, Eliane Dallegre sugeria que tal produto pudesse ser considerado, potencialmente, um “desregulador endócrino” – substância com efeitos deletérios sobre órgãos reprodutores – além de apresentar toxicidade sistêmica e teratogenicidade, ou seja, causar danos aos fetos, nos ratos estudados.

Apenas quatro dias após essa matéria, o mesmo jornal publicou reportagem sobre o 2.º Congresso Latino-americano de Reabilitação da Fauna Marinha, realizado em Rio Grande. Nesse evento, a pesquisadora americana Frances Gulland apresentou uma estatística estupefacente: 17% dos animais marinhos analisados pelo Instituto Mamífero Marinho dos EUA tinham algum tipo de câncer, decorrente do acúmulo de metais pesados despejados no oceano.

Dados extraídos dos registros do Centro de Informação Toxicológica do Rio Grande do Sul (CIT) também evidenciaram alguns fatos preocupantes: em 2010, foram atendidos em seu plantão de urgência 798 casos de intoxicações por agrotóxicos. Espantosamente, desse total, cinco eram decorrentes de exposição a organoclorados (Aldrin, 2 casos; Dicofol, 1 caso; Endosulfan, 2 casos), produtos proibidos pela legislação gaúcha desde 1982, mas que, ao que tudo indica, continuam a marcar presença em nossas lavouras. Na sua tese de mestrado em Ecologia, em 2005, Gerda H. Calfei demonstrou a presença de resíduos de organoclorados no leite materno de mulheres moradoras de algumas regiões rurais do Rio Grande do Sul, “com níveis crescentes de contaminação na sequência sangue, leite e tecido adiposo”, embora em índices inferiores a uma pesquisa anterior, o que foi um fato positivo. No entanto, os acidentes decorrentes de exposição a OC, registrados pelo CIT-RS em 2010, talvez revelem uma arriscada reviravolta.

Os organoclorados, tóxicos personagens abordados na obra de Rachel, e posteriormente banidos pela legislação de alguns países, têm a propriedade de acumularem-se no ambiente e nos organismos vivos por anos a fio, fazendo parte de um grupo de substâncias tóxicas conhecidas como POP: poluen-

tes orgânicos persistentes (esse grupo é constituído, além dos pesticidas, por substâncias químicas industriais e subprodutos não intencionais, como as dioxinas). Os OC podem causar quadros de intoxicação aguda caracterizados por vômitos, cefaleia, cansaço, tremores, convulsões, coma e morte. A intoxicação crônica, mais insidiosa, resulta do acúmulo do produto no organismo, podendo levar a lesões renais, hepáticas, endócrinas e afetar os mecanismos imunológicos. A Agência Internacional de Pesquisa em Câncer (IARC) classifica os organoclorados como grupo 2b: possivelmente carcinogênico para humanos.

Mas a autora não limitou sua análise aos malefícios causados à fauna, à flora e aos seres humanos pelos OC; ela também abordou o que chama de “o segundo maior grupo de inseticidas, [...] os fosfatos orgânicos, que contêm algumas das substâncias químicas mais venenosas do mundo”. Este grupo é o dos Organofosforados, que não estão proibidos, podem produzir severos quadros de intoxicação aguda e relacionar-se a danos neurológicos. Na já referida estatística do CIT-RS, as intoxicações por agrotóxicos organofosforados somavam 150 casos; acrescente-se a isso mais 79 casos de acidentes com “pesticidas domésticos”, devidos a produtos contendo algum tipo de organofosforado ou carbamato como princípio ativo.

A grandeza atemporal do livro de Rachel não está no simples fato de ter alertado o mundo sobre o uso indevido de agrotóxicos. Seu valor vai muito além e está, basicamente, em nos mostrar – desde aquele longínquo 1962 – que o mundo enveredava temerariamente por um caminho do qual poderia não haver retorno. Em sua ampla visão: “A poluição que penetra em nossos cursos de água vem de muitas fontes: o lixo radioativo dos reatores, laboratórios e hospitais; os detritos de explosões nucleares; o lixo doméstico de cidades e povoados; o lixo químico das fábricas. A esses, soma-se um novo tipo de detrito – os sprays químicos usados em lavouras e jardins, florestas e campos. Muitos dos agentes químicos nesse coquetel alarmante imitam e intensificam os efeitos daninhos da radiação, e entre os próprios grupos químicos há interações, transformações e somatórios de efeitos sinistros e pouco compreendidos”.

Rachel Carson morreu dois anos após a publicação de *Primavera Silenciosa*, vítima de um câncer, não podendo testemunhar a repercussão e todo o legado de sua obra-prima. Mas, se tivesse vivido por muito mais tempo, perceberia que, apesar das conquistas em defesa do meio ambiente ocorridas desde então, ainda permanecemos expostos a imensos perigos, como se mal reconheçêssemos os demônios de nossa própria criação.

*Médica do trabalho e especialista em Toxicologia Aplicada - UFRGS



Rachel Carson foi alvo da indústria química, que atacou sua credibilidade como cientista



Primavera silenciosa

Rachel Carson
Gaia Editora, 2010, 328 páginas
R\$ 49 (preço médio)

A obra inspirou a rede de tvê CBS a produzir um documentário, assistido por 15 milhões de telespectadores, que mostrava os efeitos nocivos do DDT. Em 2000, a Escola de Jornalismo de Nova York consagrou o livro como uma das maiores reportagens investigativas do século XX. Em 2006, o jornal britânico The Guardian conferiu a ela o primeiro lugar na lista das cem pessoas que mais contribuíram para a defesa do meio ambiente.

JU indica



Os inimigos íntimos da democracia

Tzvetan Todorov
São Paulo: Companhia das Letras, 2012, 215 páginas
R\$ 39,50

O que a Revolução Francesa, o comunismo e a invasão norte-americana no Iraque têm em comum? Para Tzvetan Todorov, essas seriam as três manifestações já registradas do fenômeno do “messianismo político”, investigadas em *Os inimigos íntimos da democracia*, lançado recentemente no Brasil. No livro, o autor realiza uma breve análise histórica da política em busca dos motivos da crise que, de acordo com ele, a democracia enfrenta nos dias de hoje. O termo

“messianismo político” foi cunhado pelo pensador búlgaro naturalizado francês para designar os regimes que, dentre outras características, dispõem de recursos militares a seu serviço e apresentam a si mesmos como um resultado inevitável do processo histórico. O problema é que essas ideologias geraram violência ao estipular uma oposição entre o “bem” (a ideologia, que seria o mais avançado sistema possível) e o “mal” (os opositores, que devem ser exterminados). Essa teria sido a origem do período do Terror e das guerras coloniais que seguiram a Queda da Bastilha, das atrocidades cometidas “em nome do povo” por alguns líderes soviéticos e da “democracia imposta por bombas” no Afeganistão, no Iraque e na Líbia. A partir desses pressupostos, Todorov comenta eventos da geopolítica contemporânea, correndo os riscos e cometendo as falhas naturais de quem reflete sobre fenômenos que ainda se encontram em curso. Apesar de seu caráter decididamente eurocêntrico, a obra de Todorov é um bom ponto de partida para quem busca compreender melhor o momento que estamos vivendo. (Bruno Cobalchini Mattos)

Getúlio Vargas foi presidente, ditador e mártir, e seu nome e ações permanecem na memória social de diversos modos. Os professores Pedro Paulo Zahluth Bastos e Pedro Cezar Dutra Fonseca reuniram em *A era Vargas* doze ensaios que se concentram nas origens e na evolução dos ideais que caracterizaram a sua política. Os artigos iniciais relatam as raízes das tendências de Getúlio ao antiliberalismo, ao intervencionismo e à busca pela industrialização.



A era Vargas: desenvolvimento, economia e sociedade

Pedro Paulo Zahluth Bastos e Pedro Cezar Dutra Fonseca (Orgs.)
Editora Unesp, 2012, 476 páginas, R\$ 00,00

A pesquisadora Ângela de Castro Gomes reflete sobre a formação das bases do Estado Novo e Luiz Carlos Bresser-Pereira destaca a capacidade de estadista e a visão política de caráter não elitista de Vargas. A crise de 1929 é dissecada por Wilson Cano e pelos organizadores, com foco na passagem de uma economia ortodoxa para um projeto de desenvolvimento dinâmico. Os obstáculos financeiros dessa remodelação são discutidos por Francisco Luiz Corsi, e a opção de buscar fundos internacionais é abordada por Pedro Bastos. Jorge Ferreira trata do trabalhismo, política que foi adotada em vários países a partir de 1930. A relação de Getúlio Vargas com os militares é interpretada no capítulo de Lígia Osório Silva, que relata os episódios em que o exército se envolveu com o plano desenvolvimentista. Encerrando o livro, Bastos analisa o segundo governo de Getúlio e a herança deixada por ele, que passa pela ação política e termina com o suicídio – o legado definitivo de um estadista que foi responsável por grande parcela da história do país. (Nidiane Perdomo)



FLAVIO DUTRA/JU

O artista e professor do Instituto de Artes da UFRGS desenvolveu um olhar descompromissado e lúdico, que lhe permite maior liberdade para utilizar a imaginação em seus trabalhos

Viajante persistente

Percurso do Artista Eduardo Vieira da Cunha expõe pinturas, objetos e desenhos na Sala Fahrion

Everton Cardoso

“É uma viagem!” A frase, que normalmente exprime admiração ou indignação porque alguém transgrediu os limites do que é normalmente aceito, funciona como descritora do que muitas vezes se vê em artes visuais. Mas, no campo das expressões estéticas, essa ideia de algo que faz alargar os limites da lógica cotidiana tem aberto possibilidades de criação que há muito transcendem a mera representação da realidade. Talvez a solução para a sensação de falta de lógica seja resolvida por uma pequena mudança nessa ideia pré-concebida: em vez de representar “a” realidade, quem sabe pode-se pensar numa arte que represente “uma” realidade, a criada pelo artista.

Assim é o conjunto de obras que Eduardo Vieira da Cunha produziu e selecionou para integrar o projeto Percurso do Artista, na Sala Fahrion, em cartaz no segundo andar do prédio da reitoria da UFRGS. As pinturas, desenhos e objetos reúnem elementos combinados de forma a criar um mundo à parte, uma espécie de dimensão paralela, que é ao mesmo tempo tão irreal quanto os sonhos e tão real quanto o que se apresenta diante dos olhos como verdadeiro. Nas palavras da professora do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS Mônica Zielinsky – escritas em 2003 a propó-

sito da obra do artista –, é um lugar do “quase impossível”, onde apropriações e colagens se mesclam para promover uma reflexão sobre a relação da arte com o real.

Visão ampliada – “A viagem permite um estado de espírito que leva à criação”, sintetiza Eduardo. Ainda que aqui a palavra seja tomada em seu sentido literal – sinônimo de jornada, percurso –, poderia descrever um estado de saída da realidade concreta para aquela em que tudo é possível. Para Eduardo, também professor do Departamento de Artes Visuais do IA/UFRGS, o artista é um sujeito em permanente deslocamento, um viajante que, ao se deparar com as diversas visões que vão se sucedendo diante de seus olhos, anota e, depois, transforma o que viu em obra. “Os registros de uma viagem, com a estrutura de uma colagem de fragmentos, fotos, papéis soltos, desenhos, possuem sem dúvida elementos estruturantes de uma obra. Fotos, registros e noções efêmeros e provisórios são dotados de um sentido inacabado de documento de deslocamento, produto da viagem e das constantes adaptações e descobertas das novas paisagens”, escreve em texto de apresentação da mostra que preparou.

Esses movimentos seriam uma forma de ampliar a visão, normalmente restrita pela solitária produção em seu

ateliê – um lugar sem muitos desafios, segundo Eduardo. “A viagem tem um caráter transitório”, define. O docente e pesquisador inclusive diz gostar de deslocar seu local de trabalho. Em muitas de suas saídas, leva projetos por fazer e uma maleta de tintas e materiais que nem sempre usa, mas que servem como uma forma de mover seu espaço. Foi assim de 1979 a 1986, período em que atuou como fotógrafo da sucursal do jornal *O Globo* em Porto Alegre. Frequentes eram suas incursões pelo interior do estado para fazer registros jornalísticos. Hoje, seus destinos continuam mais ou menos os mesmos: “Minhas viagens são por aqui, também por Santa Catarina, por lugares próximos”. E acrescenta: “Gosto muito de viajar para o interior, pela campanha”.

“Adoro paisagens como inspiração”, revela sobre sua relação com os horizontes que vislumbra em suas saídas. “As imagens dessas viagens pelo interior formam o meu arquivo. Depois, as retrabalho, retomo”, diz sobre os deslocamentos que lhe servem como mudanças de ares. Assim, as imagens que Eduardo compõe em seus quadros consistem em uma síntese do que viu, uma reelaboração das paragens exploradas. “São”, conforme explica, “a vontade de fixar esse fluxo, de congelar essa torrente temporal.” O artista esclarece que esse impulso vem de uma necessidade inconsciente de produzir uma obra. E é essa relação com as viagens que usa como cerne para propor a exposição da qual ele mesmo é o curador.

Infância como inspiração – Ao contar sobre as referências visuais presentes em suas obras, ele diz que muitos dos elementos vêm do universo de sua infância. Tanto é que ainda hoje mantém uma coleção que inclui miniaturas de meios de transporte, como carros, aviões e ônibus, além de um cavaleiro de pau e uma ovelha de balanço. “A criança

entra numa loja de brinquedos e ali vê o mundo em miniatura. É o primeiro contato que se tem com a arte na infância”, exemplifica ao esclarecer que o processo artístico inclui a reprodução do mundo em dimensões menores. A partir dessas lembranças e desses elementos que coleciona, Eduardo diz ter desenvolvido um olhar mais puro sobre as coisas. “É um olhar lúdico”, esclarece, já que em sua obra permite-se a liberdade de imaginar. “Às vezes vamos matando aos poucos a infância, o que temos de criança”, lamenta.

O Centro de Porto Alegre é o lugar de suas recordações mais remotas, local onde nasceu e passou os tempos de

criança. Essas memórias se traduzem, por exemplo, na obra intitulada *Escadaria*, feita para compor a exposição que integra o projeto Percurso do Artista. Em primeiro plano, estão retratados dois postes de luz que encimam as escadas situadas no final da Rua João Manoel e que levam até a Rua Fernando Machado. Num segundo plano, aparecem alguns edifícios antigos. “Aqui está a casa da Cristina Balbão, que foi minha professora do IA. Seguido a encontrava por ali”, conta. Cristina lhe deu bastante apoio em sua época de estudante. Ao fundo, estão dois elementos bastante típicos na obra do artista: as montanhas listradas de diversas cores; e os zepelins.

Arquivo aberto

“Tem caminhão, carro, avião, trem. Vi que existia certo fio condutor, uma viagem dentro da viagem”, conta Eduardo Vieira da Cunha sobre a proposta que elaborou para nortear a exposição que tem curadoria dele mesmo em parceria com a mulher e professora da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, Daniela Cidade. Eduardo considera importante o olhar do artista sobre tudo o que faz. “Curadoria é outro olhar. Às vezes é bom ter a visão do outro, pois o trabalho do ateliê é muito fechado. Como não tive muito tempo e disponibilidade, acabei optando por fazer uma curadoria mais doméstica, mais próxima do trabalho”, revela. De acordo com ele, a exposição é uma espécie de “arquivo aberto”. Por isso, serão exibidas tanto obras inéditas quanto algumas que ele tinha guardadas. Na avaliação dele, expor na Sala Fahrion consiste em uma oportunidade interessante para a sua trajetória. Primeiramente, porque é um espaço “privilegiado”, maior do que o normalmente oferecido nas galerias de arte da cidade. Isso permite, segundo ele, uma melhor apreciação das obras, já que a pintura exige um tempo de observação maior por parte do visitante. Além disso, o artista vê esta como uma possibilidade

de chegar a um público diferente daquele que circula pelas galerias, afinal, pelo prédio, passam diariamente muitos professores, estudantes e técnicos da Universidade.

Ainda que ele não tenha tido o tempo que considera ideal para produzir a exposição, Eduardo avalia que esta foi a forma de acelerar sua produção. “O pintor, para produzir uma exposição, tem que ter tempo, uns dois anos. Mesmo que eu pegue algumas coisas que já tinha, não posso mostrar só o que havia feito antes, se não, fica um *déjà vu*. Noventa e cinco por cento são coisas novas”, diz depois de esclarecer que a produção da pintura é vagarosa. Antes dessa mostra na UFRGS, o professor fazia exposições em galerias a cada dois anos. “Esta é uma oportunidade de juntar coisas mais antigas, de fazer uma espécie de leitura do conjunto da obra.” Mas logo esclarece: “Não é uma retrospectiva”. A mostra, no entanto, tem uma marca comemorativa: os 30 anos de trabalho do artista. “Minha primeira exposição”, rememora, “foi nesse mesmo local, em 1982, durante um Salão Universitário de Arte da UFRGS. Eu era estudante de artes plásticas à época.”

Agende-se

O quê: Percurso do Artista – Eduardo Vieira da Cunha
Visitação: até 29 de março de 2013

Local e horário: Sala João Fahrion, das 9h às 18h

Entrada franca

► **Redação** Manuela Martins Ramos | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE



De volta à UFRGS

Unimúsica Banda Mantiqueira retorna ao Salão de Atos para encerrar a edição 2012 do projeto

Com mais de 22 anos de carreira e apenas duas mudanças nos componentes, a banda Mantiqueira está de volta ao Unimúsica para um workshop no dia 1.º de novembro às 16h e o concerto às 20h do mesmo dia no Salão de Atos. O show marca o encerramento da série 2012 do projeto da Pró-reitoria de Extensão, dedicada à prática da música coletiva em big bands e orquestras.

Para o músico Nailor Azevedo, mais conhecido como Proveta, fundador da banda, a expectativa de retornar ao projeto é muito grande, pois “da outra vez foi uma festa muito boa, com a presença de nossos amigos aqui do Sul”, disse, lembrando-se da participação do trompetista Jorginho, que também deve subir ao palco neste show.

Formada em São Paulo, a Mantiqueira tem influências das orquestras de Severino Araújo, Thad Jones e Duke Ellington e começou com Proveta fazendo arranjos para as composições de Pixinguinha, Cartola, Nelson Cavaquinho e Tom Jobim. É composta por

14 músicos: Proveta, (sax alto e clarinete), Ubaldo Versolato (sax barítono, flauta e *pícolo*), Josué dos Santos (sax-tenor e flauta), Vinicius Dorin (sax-tenor, soprano e flauta), François de Lima (trombone de válvulas), Valdir Ferreira (trombone de vara), Nahor Gomes, Walmir Gil e Odésio Jericó (trompete e flugelhorn), Jarbas Barbosa (guitarra elétrica), Edson Alves (contrabaixo elétrico), Lelo Izar (bateria), Fred Prince e Cléber Almeida (percussão).

Com seis CDs gravados, três em parceria com a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, a Mantiqueira já foi indicada ao Grammy de 1998 como Melhor Performance de Jazz Latino. Em 2006, o grupo conquistou o Prêmio Tim de Música como Melhor Álbum de Música Instrumental, tendo concorrido na mesma categoria e no mesmo ano para o Grammy Latino. A banda já se apresentou na Alemanha, na Holanda e nos Estados Unidos, onde participou do Festival de Jazz de San Francisco. No final deste mês, irá tocar

no Buenos Aires Jazz Festival.

Para Lígia Petrucci, curadora do Unimúsica, “poder rever os artistas e arranjadores traz uma grande expectativa, assim como poder ouvir músicas inéditas, que surpreenderão até quem já viu a apresentação”. Essa também é opinião do produtor da big band Roberto Bruzadin, para quem a apresentação adquire uma importância ainda maior por se realizar em uma universidade que possui um curso de música popular.

“A música é a trilha sonora do tempo e você não pode perder esse tempo”, diz Proveta. Ele explica que sem esse tempo, falta a atmosfera da magia na vida das pessoas. Tocar deixa as pessoas felizes e em estado de graça, o que leva a um estado diferente do cotidiano. Para ele, isso é a felicidade e faz parte da música, sendo essa a graça do seu trabalho. Segundo ele, “a melhor forma de se comunicar é compondo”. No repertório do show, composições de Pixinguinha, João Bosco, Caymmi, Luiz Gonzaga e Tom Jobim.

CINEMA

Sala Redenção

CINEMA IRANIANO EM FOCO

O cinema universitário apresenta uma seleção de 21 filmes do cinema iraniano. As sessões têm entrada franca.

ONDE FICA A CASA DO MEU AMIGO? (*Khane-ye dost kod-jast?*, 1987, 83 min), de Abbas Kiarostami Menino descobre que ficou com o caderno de seu amigo e precisa se aventurar até a vila vizinha para devolver o objeto. Sessão: 1.º de novembro, 16h



CLOSE-UP (*Nema-ye Nazdik*, 1990, 90 min), de Abbas Kiarostami Jovem que se fazia passar pelo cineasta mais famoso do Irã é desmascarado por uma família. Sessões: 1.º de novembro, 19h; 5 de novembro, 16h

VIDA E NADA MAIS (E A VIDA CONTINUA) (*Zendeği va digar hich*, 1992, 95 min), de Abbas Kiarostami Cineasta e seu filho viajam a uma região atingida por um terremoto em busca de sobreviventes que tenham participado de seus filmes. Sessões: 5 de novembro, 19h; 6 de novembro, 16h

ATRAVÉS DAS OLIVEIRAS (*Zire Darakhshan Zeyton*, 1994, 103 min), de Abbas Kiarostami Diretor seleciona duas pessoas para interpretar um casal, descobrindo mais tarde que ambos haviam sido impedidos de se casar. Sessões: 6 de novembro, 19h; 7 de novembro, 16h

GOSTO DE CEREJA (*Ta'm e Guilass*, 1997, 95 min), de Abbas Kiarostami Soldado é contratado para, perto de uma cova, chamar por um homem. Se este responder, o soldado deverá ajudá-lo a sair, caso contrário, precisará sepultá-lo. Sessão: 8 de novembro, 19h; 9 de novembro, 16h

DEZ (*Dah*, 2002, 91 min), de Abbas Kiarostami Dez histórias sobre as vidas emocionais de seis mulheres, sob diferentes pontos de vista. Sessões: 8 de novembro, 16h; 9 de novembro, 19h

GABBEH (*Gabbeh*, 1996, 75 min), de Mohsen Makhmalbaf Jovem disfarça suas frustrações ao tecer um intrincado e belo tapete, o Gabbeh. Sessão: 12 de novembro, 16h

SALVE O CINEMA (*Salaam Cinema*, 1995, 75 min), de Mohsen Makhmalbaf Diretor produz documentário sobre as tentativas dos aspirantes ao mundo do cinema. Sessões: 12 de

novembro, 19h; 13 de novembro, 16h

A CAMINHO DE KANDAHAR (*Safar É Gandehar*, 2001, 85 min), de Mohsen Makhmalbaf Mulher foge de seu país em meio à guerra, mas tem de retornar ao receber carta de sua irmã que ameaça suicidar-se. Sessões: 13 de novembro, 19h; 14 de novembro, 16h

UM DIA MUITO ESPECIAL (*Sex & Philosophy*, 2005, 101 min), de Mohsen Makhmalbaf Homem chama suas quatro amantes para conversar sobre o amor e suas regras. Sessão: 19 de novembro, 16h

O BALÃO BRANCO (*Badkonake Sefid*, 1995, 85 min), de Jafar Panahi Menina perde o dinheiro que havia pedido à mãe para comprar um peixe dourado para as comemorações do Ano Novo. Sessões: 19 de novembro, 19h; 20 de novembro, 16h

O ESPELHO (*Ayneh*, 1997, 95 min), de Jafar Panahi Esquecida pela mãe na saída da escola, menina procura o caminho de casa. Sessões: 20 de novembro, 19h; 21 de novembro, 16h



ISTO NÃO É UM FILME (*In film nist*, 2010, 77 min), de Jafar Panahi Cineasta em prisão domiciliar resolve retratar um dia em sua vida. Sessão: 20 de novembro, 16h

O CÍRCULO (*Dayereh*, Irã/Itália, 2000, 90 min), de Jafar Panahi Vivendo em um sociedade repleta de preconceitos, três mulheres saem da prisão sem perspectivas. Sessões: 22 de novembro, 19h; 23 de novembro, 16h

ÀS CINCO DA TARDE (*Panj É Asr*, 2003, 105 min), de Samira Makhmalbaf A situação feminina no Afeganistão por meio da trajetória de uma jovem que sonha ser presidente da República. Sessões: 23 de novembro, 19h; 26 de novembro, 16h

A MAÇÃ (*Sib*, 1998, 86 min), de Samira Makhmalbaf Casal deixa suas filhas gêmeas presas em casa durante 11 anos, seguindo os preceitos do Alcorão. Sessão: 26 de novembro, 19h

FILHOS DO PARAÍSO (*Bacheha-ye aseman*, 1998, 88 min), de Majidi Majidi Garoto perde o único par de sapatos da irmã e tenta vencer uma corrida para poder comprar um novo par. Sessão: 27 de novembro, 16h

A COR DO PARAÍSO (*Rang-e Koda*, 1999, 90 min), de Majidi Majidi

Pai de menino cego não tem como mantê-lo na escola especial e pretende se casar novamente, tendo o filho como obstáculo. Sessão: 27 de novembro, 19h

PROCURANDO ELLY (*Darbareye Ely*, 2009, 104 min), de Asghar Farhadi Grupo organiza festa para um amigo que voltou da Alemanha e uma das convidadas some misteriosamente. Sessões: 28 de novembro, 16h; 29 de novembro, 16h

A SEPARAÇÃO (*Jodaeiye Nader az Simin*, 2011, 123 min), de Asghar Farhadi Homem contrata diarista para cuidar de seu pai idoso. Após incidente, enfrentam um julgamento moral e religioso. Sessões: 29 de novembro, 19h; 30 de novembro, 16h e 19h

Sessões com Audiodescrição

ONDE ESTÁ A FELICIDADE? (Brasil/Espanha, 2011, 113 min), de Carlos Alberto Riccelli Casal tenta resolver crise conjugal a distância, enquanto a mulher faz peregrinação pelo Caminho de Santiago de Compostela. Sessão: 7 de novembro, 9h

Ciclo de Debates Conflitos Agrários

BELO MONTE: ANÚNCIO DE UMA GUERRA (Brasil, 2012, 100 min) Documentário sobre a usina hidroelétrica no Pará. Sessão: 7 de novembro, 19h

CineDebates em Direitos Humanos PLATOON

(Reino Unido/Estados Unidos, 1986, 120min), de Olive Stone Sessão: 14 de novembro, 19h

Cinema e Saúde Coletiva - 10.º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva

Ciclo paralelo ao encontro com sessões comentadas de filmes que tratam de temas da saúde.



A PARTIDA (*Okuribito*, Japão, 2008, 130 min), de Yôjiro Takita Homem encontra o sentido da vida ao trabalhar como agente funerário. Comentarista: Lillian Schreiber (USP). Sessão: 15 de novembro, 14h

INVASÕES BÁRBARAS (*Les invasions barbares*, 2003, 99 min), de Denys Arcand À beira da morte, homem reencontra a paz com a ajuda da ex-mulher e do filho ausente.

Sessão: 15 de novembro, 9h

SONHOS TROPICAIS (Brasil, 2001, 120 min), de André Sturm Uma biografia do médico sanitário Oswaldo Cruz. Comentarista: Alcindo Ferla (UFRGS). Sessão: 16 de novembro, 16h



ILHA DAS FLORES (Brasil, 1989, 13 min), de Jorge Furtado Documentário que acompanha a trajetória de um tomate que, mesmo apodrecido, é disputado pelos moradores da Ilha das Flores.

+ **SANEAMENTO BÁSICO** (Brasil, 2007, 112 min), de Jorge Furtado Moradores de um vilarejo escrevem o roteiro de um filme para que a prefeitura custeie uma obra de necessidade pública. Sessão: 16 de novembro, 19h

POESIA (Coreia do Sul, 2010, 139 min), de Lee Chang-dong Avô começa curso para aprender a fazer poesia e aprimorar sua observação do cotidiano. Comentarista: por Maria Cecília Minayo (Fiocruz). Sessão: 17 de novembro, 16h

O JARDINEIRO FIEL (Brasil, 2005, 129 min) de Fernando Meirelles Diplomata investiga o assassinato de sua mulher em área remota do Quênia. Sessão: 17 de novembro, 19h

História da Arte e Cinema: Heterotopias

BASQUIAT (Estados Unidos, 1996, 108 min), de Julian Schnabel A história de Jean-Michel Basquiat e sua ligação ambígua com o mundo da arte nova-iorquina. Comentaristas: Claudio Jansen (UFRGS) e Eduardo Monteiro (UFRGS) Sessão: 21 de novembro, 19h

ONDE?

► **Museu da UFRGS** Osvaldo Aranha, 277 Fone: 3308-4022

► **Praça Central do Câmpus do Vale** Av. Bento Gonçalves, 9.500 Fone: 3308-3933

► **Sala Alziro Azevedo** Av. Salgado Filho, 340 Fone: 3308-4318

► **Sala Fahrion** Paulo Gama, 110 - 2.º andar Fone: 3308-3034

► **Sala Redenção** Luiz Englert, s/n.º Fone: 3308-3933

► **Salão de Atos** Paulo Gama, 110 Fone: 3308-3600

MÚSICA

Vale Doze e Trinta

Show da banda Presidente Nero, formada por Maurício Lobo (vocais e guitarra), Augusto Constantino (teclados), Bóris de Assis (guitarra), Gabriel Amaral (baixo) e Douglas da Vinci (bateria). Com influências de rock, reggae, funk, blues e MPB, a banda está finalizando seu primeiro álbum. Em caso de chuva, o show será transferido para o dia seguinte. Data: 13 de novembro Local e horário: Câmpus Vale, 12h30 Entrada franca

Interlúdio

CARMEM E EDITH - AS MUSAS SE ENCONTRAM Tássia Minuzzo na voz, Federico Trindade na percussão, Rafael Lima no saxofone, Renan Balzan no piano e Mariana dos Santos no cavaco, apresentam um repertório em homenagem a Carmen Miranda e Edith Piaf. A apresentação terá como convidados Ariel Policarpo no violino, Bruno Gelmini no saxofone e Gabriel

Gorski no bandolim. Data: 16 de novembro Local e horário: Salão de Atos, 12h30 Entrada franca

Núcleo da Canção

Programa fruto de parceria entre os institutos de Letras e de Artes e o Departamento de Difusão Cultural.



GARDEL Arthur de Faria comenta trabalho publicado no livro/CD Carlos Gardel, da série Grandes Vozes, da Folha de S.Paulo. Data: 26 de novembro Local e horário: Sala Fahrion, 19h Entrada franca

EXPOSIÇÃO

Alan Turing

Mostra em homenagem ao centenário do matemático considerado o pai da informática. A exposição foi idealizada na disciplina *Mentes e Máquinas*, desenvolvida nos programas de Pós-graduação em Computação e em Informática da Educação da UFRGS, com a curadoria do professor Dante Barone. Visitação: até 22 de março de 2013 Local e horário: Museu da UFRGS, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h Entrada franca

TEATRO

Teatro, Pesquisa e Extensão

Última edição do ano da mostra de trabalhos dos alunos do Curso de Teatro do Instituto de Artes da UFRGS.

LADY MACBETH Baseado no conto "A Gravidez de Lady Macbeth", de Vinicius

Percurso do Artista

A VIAGEM E A METÁFORA DA CRIAÇÃO - EDUARDO VIEIRA DA CUNHA Professor do Instituto de Artes da UFRGS, Eduardo Vieira da Cunha cria universos que nos remetem às memórias infantis e nos levam a uma viagem através da nossa imaginação. Visitação: de 1.º de novembro a 29 de março de 2013 Local e horário: Sala João Fahrion, de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h Entrada franca

Canhoto, o espetáculo teve origem na disciplina de Estágio de Atuação I, com orientação da professora Inês Marocco. No elenco, Ingrid Bonini e Giulia Maciel. Datas: 7, 14, 21 e 28 de novembro Local e horário: Sala Alziro Azevedo, 12h30 e 19h30 Entrada franca

Meu Lugar na UFRGS



Curtindo a Extensão

É emblemático que o lugar preferido de Walberto Chuvás dentro da UFRGS seja a Extensão. Dentro do contexto universitário, o termo remete a um lugar no qual se estabelecem trocas entre a comunidade acadêmica e a sociedade. Mas a palavra evoca um processo de ampliação de horizontes, e nada poderia ser mais condizente com a maneira pela qual ele vê o papel que deve ser assumido pela Universidade.

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas, ele começou a trabalhar na UFRGS há cerca de sete anos. Na época, realizava diferentes concursos públicos em busca de estabilidade, e foi aprovado para o cargo de Assistente em Administração do Instituto de Física. Pode até parecer que a função não se encaixa devidamente no seu perfil. Ledo engano: apesar de ter chegado ali porque, em suas próprias palavras, “a vida é cheia de atalhos”, ele logo se inseriu em diversos projetos do Instituto. Seu envolvimento é tão grande que, apesar de seu sobrenome pitoresco, passou a ser conhecido como Beto da Física.

Dentre suas atividades, ele destaca o *UFRGS Portas Abertas* – que anualmente ajuda a organizar dentro de sua Unidade –, cujo objetivo é apresentar para os alunos que estão por escolher um curso de graduação a infraestrutura da Universidade. O projeto é um exemplo das iniciativas que ele considera fundamentais para o que classifica como “o pagamento de uma dívida que a universidade tem com a sociedade que a sustenta”. Beto também ressalta o papel da divulgação científica e tecnológica. “As pessoas utilizam o celular e o micro-ondas, mas não conhecem a tecnologia e a pesquisa que há por trás de seu desenvolvimento”, exemplifica. Ele não esconde a empolgação ao falar desse tipo de trabalho: “A vida é um caminho de conhecimento, e conhecimento não ocupa espaço. Pelo contrário,

faz com que as pessoas cresçam e entendam o mundo à sua volta. Inclusive, dá a elas uma dimensão do que estão fazendo no mundo, do quanto podem evoluir e do quanto essas novas tecnologias podem ajudar nesse desenvolvimento”.

As atividades de divulgação científica com as quais Beto colabora incluem o *Ciclo de Palestras do Instituto de Física*, realizado na Livraria Cultura, e as *Conversas ao Pé do Físico*, bate-papos abertos ao público promovidos regularmente na livraria FNAC. Além desses programas, Beto contribui com o projeto *Casa E*, uma parceria entre diferentes faculdades da UFRGS cujo objetivo é desenvolver novas tecnologias em um ambiente totalmente sustentável e autossuficiente.

Beto acha que a extensão ajuda a moldar o caráter profissional dos alunos que dela participam. “Ao ouvir as necessidades da sociedade, o estudante não fica fechado no meio acadêmico. E passa a pensar nas questões políticas e sociais, percebendo o quanto a ciência pode contribuir para o desenvolvimento da sociedade”, justifica.

Para participar de tantos projetos e ainda encontrar forças para ajudar a organizar o Salão de Extensão, Walberto Chuvás precisa se desdobrar em duas pessoas. Talvez seja por isso que, perguntado sobre sua idade, não responda com um número absoluto. “Tenho 40 mais 17”, brinca. De certa forma, é quase como se ele fosse mesmo dois Betos distintos: um de 40, com a sabedoria e a experiência necessárias para manter os projetos em funcionamento, e outro de 17, que garante o fôlego para que tudo saia do papel.

Bruno Cobalchini Mattos, aluno do 8.º semestre de Jornalismo da Fabico

Os programas com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET diariamente, às 20h e às 23h.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

Um violão para viver

Flávia Domingues Alves Professora revela a felicidade de ensinar

Ela começou a tocar quando ainda era criança, por volta dos seis anos de idade. O avô paterno, violinista, tinha em casa uma guitarra portuguesa. Originalmente com doze cordas, o instrumento foi adaptado e transformado pelo avô no violão em que ela aprendeu os primeiros acordes. Desde então, música e violão são uma constante na vida de Flávia Domingues Alves, primeira bacharel em violão do Brasil e docente do Instituto de Artes da UFRGS desde 1982. Pergunto à professora em que momento ela percebeu que o instrumento também seria sua carreira: “Acho que desde sempre. Eu só gostava de tocar violão. Aonde eu ia eu levava o meu violão, não saía de casa sem ele”.

Prelúdios – Filha de Amir Domingues, jornalista da rádio Guaíba por cinquenta anos, falecido em outubro de 2007, Flávia conta que chegou a pensar em seguir a carreira do pai. “Ele tinha muitas histórias – de coberturas, de entrevistas, de tudo o que viveu. Eu admirava muito o trabalho dele. Mas ele me incentivou a seguir na música”, relembra. A partir daí, ela diz, tudo pareceu acontecer naturalmente.

Flávia formou-se na extinta Faculdade Musical Palestrina em 1980. A escola era então conhecida pelos seminários que promovia, que traziam a Porto Alegre violonistas consagrados. “O Palestrina tinha um trabalho intenso na área de violão, com músicos importantes do resto do país e do mundo que vinham pra cá. Eu participei do primeiro encontro lá por 1974. Depois esses eventos começaram a se extinguir; e hoje é uma coisa que não acontece mais. Ninguém mais tem tempo pra ficar um mês em outra cidade tocando violão”, reflete. Mesmo antes de entrar na faculdade, ela já somava uma bagagem musical considerável: aulas de música no colégio em que cursou o ensino médio, aulas particulares, estudos no antigo Instituto Musical Porto Alegre e o curso profissionalizante de instrumentista musical no Colégio Júlio de Castilhos. Invariavelmente simpática e sorridente, relembra dos professores que a

ensinaram e inspiraram ao longo dessa trajetória. “Ser aluna, mesmo durante o mestrado, que eu fiz recentemente, formou o que eu sou hoje como pessoa e como violonista”, diz.

Em 1982, ingressou na UFRGS para substituir uma colega que se afastara. Dois anos depois, aprovada em um concurso, tornou-se docente do Departamento de Música da Universidade. Desde então, são mais de 30 anos como professora, atividade pela qual a violonista foi cativada desde cedo: “Eu sempre gostei muito de dar aulas; aos 14, 15 anos, eu já dava umas aulinhas. E depois fui monitora de um dos meus professores. A partir daí, naturalmente percebi que gostava de ensinar. Creio que os violonistas em geral acabam dando aulas porque é uma maneira de ganhar a vida. Eu não. Eu dou aulas porque realmente tenho paixão por ensinar”.

Música em casa – Mas a música não se restringe ao âmbito profissional da vida de Flávia. Ela sorri ao contar que, em casa, não é diferente: “Toda a minha família é de músicos. Meus três filhos estudaram música. Às vezes fazemos saraus caseiros, mas lá em casa existe uma incompatibilidade de gêneros musicais. Todo mundo gosta do tipo de música que cada um faz, mas é tudo muito diferente”.

Os três filhos são Felipe, Mateus e Lucas. O mais velho, Felipe, é violonista formado pela UFRGS. Mateus estudou flauta transversa e flauta doce, mas não é músico profissional. Ele tornou-se instrutor de boxe da seleção brasileira e participou das Olimpíadas de Londres neste ano. Lucas, o mais novo, “sempre gostou de cantar, fez regência coral e hoje é maestro do coro aqui da Universidade. Ele foi o Eneias da ópera *Dido e Eneias*, que o Instituto de Artes da UFRGS realizou em agosto. E agora nasceu o filhinho dele, o Pietro”, conta a nova avó orgulhosa. Fechando a conta, o marido, Francisco Alves, é engenheiro, mas toca guitarra e tem uma banda. “Nós somos uma dessas raridades de 33 anos de casamento. Acho que é a música o que nos une também”, comenta.

E é assim, entre música, que vive a violonista do IA. Sobre os momentos de lazer, ela brinca: “Acho que não tenho lazer. [risos] Não, eu gosto muito de cinema e procuro ler bastante. E sou espírita, então aprecio estudar a literatura espírita. Mas acho que meu lazer mesmo são os filhos, gosto de cuidar deles. É isso: encontrar a família, ir a um cinema, um restaurante. E viajar,

também. Sempre que possível nós viajamos, eu e meu marido. É uma vida bem simples”.

A paixão pelo trabalho – Sempre envolvida com a música de câmara, Flávia desenvolveu o gosto pela música renascentista e participou de diversos conjuntos. Entre eles, o Quarteto ComTrastos, que ela revela ter sido uma experiência marcante de sua carreira. “O nome foi para diferenciar dos quartetos tradicionais, que são de cordas flexionadas (violino, viola e violoncelo). Como o nosso quarteto era de violões, a gente deu esse nome, por causa dos trastos do violão. Foi um trocadilho”, explica. Criado em 1998, o grupo gravou o disco *Momento Característico*, com financiamento do Fumproarte. Além de Flávia, completavam o grupo Márcio de Souza, Dalto Keenan e Alexander Jost. “Criamos um repertório voltado para a música do Rio Grande do Sul, com compositores locais e arranjadores gaúchos. Foi um dos momentos mais importantes na minha trajetória”, declara.

Atualmente, Flávia retoma aos poucos a rotina de aulas. Em decorrência do tratamento de um câncer de mama, ela esteve afastada por um ano e três meses. Nesse período, foi a homenageada do III Festival de Violão da UFRGS, em novembro do ano passado: “Estou voltando a tocar aos poucos. Eu cheguei a pensar que não conseguiria mais. A homenagem teve um papel importantíssimo na minha recuperação. E agora estou me reintegrando à rotina de trabalho com satisfação”.

Trabalhar, afinal, é uma das suas alegrias: “Sou muito feliz por ter vivido esse tempo todo aqui dentro da Universidade. Temos muitas carências, mas me parece que suprimos isso com o gosto pelo fazer musical. E acho que é isso que faz tudo ser melhor. Se fosse muito fácil, não sei se teria o mesmo gosto. A gente corre de um lado para o outro e faz de tudo para poder trabalhar”.

Tocando acordes suaves enquanto é fotografada, o sorriso constante, Flávia, que terminava uma aula quando chegamos à sua sala no sétimo andar do IA, não esconde a felicidade de ser professora: “Uma das coisas que mais me fez feliz foi ter sido, mais de uma vez, homenageada ou paraninfa de algumas turmas. É o que tem de mais gratificante para um professor. Queria colocar no meu currículo Lattes”, conclui.

Priscila Kichler Pacheco, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabico





DESENHO: FELIPE CALDAS / REPRODUÇÃO: FERNANDO ZAGO



DESENHO: CLÁUDIA BARBISAN / REPRODUÇÃO: FERNANDO ZAGO



Correndo riscos

Uma exposição em que o protagonista é o desenho: a linha, o traço, o risco e o amplo vocabulário que ele oferece aos artistas. Na palavras de Gelson Radaelli, curador da mostra, “a ponta que percorre o papel repete o gesto do primata, riscando a terra com osso. Uma manifestação inaugural da inteligência, o desenho é uma espécie de sistema circulatório da cultura: ferramenta sempre usada pelo homem para trabalhar, se comunicar e sonhar”.

Terceira de uma série de exposições iniciada em 1994, esta edição tem 21 artistas convidados e reúne representantes de várias gerações e linguagens das artes plásticas, todos com estreitas ligações com o desenho.

AGENDE-SE EXPOSIÇÃO CORRENDO RISCOS III
VISITAÇÃO: ATÉ 18 DE NOVEMBRO. LOCAL E HORÁRIO:
MUSEU DO TRABALHO (RUA DOS ANDRADAS, 230), DE
TERÇA A SÁBADO, DAS 13H30MIN ÀS 18H30MIN E AOS
DOMINGOS DAS 14H ÀS 18H30MIN. ENTRADA FRANCA.



DESENHO: JULIAN SCHIED / REPRODUÇÃO: FERNANDO ZAGO

Ensino Afinal de contas, por que é tão importante sair da sala de aula para ampliar o conhecimento? Tal como uma equipe que viaja para rodar um filme, turmas de vários cursos buscam, nas diferentes locações, atuar por um desfecho que qualifique sua formação.

Roteiro em campo

TEXTO SAMANTHA KLEIN FOTOS FLÁVIO DUTRA E SAMANTHA KLEIN

Assim como o cinema, uma saída de campo pode ter um roteiro de começo, meio e fim, ou pode ser simplesmente uma ideia na cabeça e um monte de espaços para desbravar. Tudo depende da área de atuação, mas, em todos os casos, o final do filme não precisa ser fechado. Os

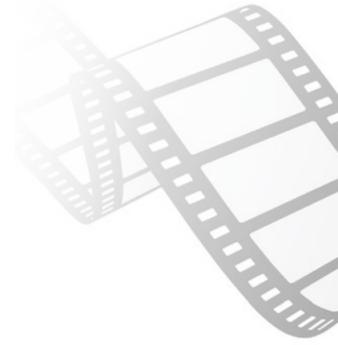
alunos é que devem interpretar o desfecho. No caso da Botânica, se a meta é visualizar um tipo diferente de vegetação em paradas aleatórias por fazendas e estradas do interior do estado, por que ter um roteiro fechado? Já para uma turma de Geografia, se o objetivo é observar um rio que nunca mais será o

mesmo, por que não seguir o script?

As saídas de campo são diárias entre os mais de cem cursos de graduação e pós-graduação da UFRGS, mas as rotinas ou *não rotinas* são completamente distintas. É isso o que a equipe do JU procurou entender ao acompanhar, em quatro viagens, diferentes

turmas. É ideia geral que sair dos bancos escolares serve para colocar o conhecimento em prática, mas será só isso mesmo? Embarque neste set [ops!], nessa saída de campo e descubra até onde se pode ir para enriquecer a formação acadêmica oferecida pela Universidade.

Script do aprendizagem



O dia começa cedo, seja qual for o destino das saídas de estudo. Geralmente os professores seguem um roteiro semelhante ao entregue ao diretor de um filme, e toda uma produção que garante o aproveitamento do tempo é mantida, pois, se, no caso do cinema, as locações para os filmes são caras, na vida real da Universidade as diárias dos motoristas também têm um custo, assim como a manutenção da frota dos veículos que seguem para os mais diversos destinos em estradas asfaltadas ou esburacadas. O custo de manutenção do transporte que roda até 400 mil km por ano é de aproximadamente R\$ 500 mil. “Alguns ônibus são antigos e, caso um carro quebre, provavelmente não teremos outro para substituí-lo. Além disso, faltam ônibus a todo instante porque a demanda por viagens é enorme”, relata José Rietjens, coordenador do Grupo Frota, setor vinculado à Faculdade de Agronomia que gerencia todas as saídas de campo. Até outubro deste ano foram realizadas 1,5 mil viagens dentro e fora do estado.

Geralmente essas saídas são roteirizadas, porém alguns professores e alunos preferem viajar sem um planejamento fechado, o que permite à aula de campo aberta a descobertas. E mesmo que pareça estranho, dá muito certo! E como tudo vale a pena se a viagem não é pequena, as professoras Ilsi Boldrini e Hilda Longhi-Wagner, do Programa de Pós-graduação em Botânica, embarcam com a ideia e a câmera (fotográfica) na mão.

Matagal é o set

Passamos o dia vendo mato. Literalmente, durante uma sexta-feira inteirinha. Quem não é da área da Botânica, Agronomia ou Geografia realmente pode pensar que nada se difere em termos de plantas rasteiras. Porém quem olha mais de perto percebe não somente as diferenças dessas gramíneas, mas também a importância de conhecer esse tipo de vegetação.

Na saída de campo que aconteceu no começo de outubro, o destino foi o Litoral Médio e o Norte gaúcho, partindo pela estrada RS-040, passando por Viamão, Capivari do Sul, Palmares do Sul e Pinhal. Já na partida, por volta das 8h, a professora Ilsi Boldrini lembrou o motorista Gilberto de que aquela saída não seria de um ponto a outro, sem paradas no caminho. “Motora, como você não nos conhece, quando a gente pedir para parar, tem que parar mesmo, ok?”, fala em tom de gracejo, mostrando que para este filme campestre roteiro não haveria. A resposta do gentil e silencioso motorista, como não poderia deixar ser, foi afirmativa.

E quem pensou que poderia tirar um cochilo se enganou. Logo nos primeiros quilômetros rodados

deste longa-metragem na rodovia que corta a cidade de Viamão em direção ao litoral, as professoras pararam para mostrar a vegetação da beira da estrada.

Porém, para quem não entende latim, a aula de Botânica se assemelha à sensação que sentimos ao ver os créditos de um filme iraniano na tela. Como a identificação das plantas é complicada, os alunos mergulharam num silêncio só perturbado pela passagem de alguns poucos carros, até arriscarem alguns nomes, incentivados pelas perguntas das educadoras que se continham para não sair dizendo o nome científico. “Não é fácil identificar logo de cara”, solta uma das alunas.

Já a professora Ilsi mostra por que é bom gravar o conhecimento. “Saber do que se trata essa vegetação rasteira faz toda a diferença para o pecuarista, por exemplo. Assim, por mais que o objetivo da disciplina seja conhecer os diferentes tipos de vegetação, é impossível não fazer essa relação. Porque, se o produtor rural tiver determinada vegetação, será bom para o gado e ele não vai precisar plantar azevém (tipo de forrageira muito utilizada para alimentar o rebanho)”, observa.

Dia de rio

O geólogo Sérgio Dillenburg revê aquele cenário há mais de uma década todo semestre. Ele conhece em detalhes o Vale do Rio Maquiné como quem assiste à trilogia do Poderoso Chefão uma vez por mês. Por isso, o roteiro é bem amarrado para garantir aprendizado e segurança à turma de estudantes. A saída de campo que tem por meta observar as mudanças de um rio conforme a altitude segue caminho pela BR-290 para adentrar cerca de 30 km em uma estrada vicinal que leva ao distrito de Barra do Ouro, pertencente a Maquiné, no Litoral Norte do estado. Dillenburg está cansado do filme, mas se anima ao perceber o clima contagiante dos atores da vida real que o acompanham. São alunos do segundo semestre de Geografia. Os estudantes estão em sua primeira ou segunda saída de campo, e é como se estivessem com ingressos VIPs para a primeira projeção de uma estreia do cinema.

Uma vantagem didática e prática leva o professor a repetir o script: o rio é margeado por estradas em boas condições na maior parte do percurso, o que facilita o acesso de ônibus; fica relativamente próximo da capital e mostra em seu trajeto as diferenças substanciais que o estudante de conceitos básicos de Geologia precisa ter. Por mais difícil que pareça imaginar as diferenças que um rio tem sem se estar lá no local para percebê-las, as mudanças são realmente radicais. Durante

a viagem, o professor informou que entre o pé do morro e o último ponto que visitaríamos veríamos outro rio. O que se confirmou. “É por isso que vim para a saída, para aprender o que a sala de aula não pode proporcionar. Aqui acho que podemos ver o que realmente é, como acontece a sedimentação de rochas, as mudanças do rio em termos de largura e profundidade. No campo fica mais fácil identificar as características do meio ambiente”, relata a aluna Giselle Paris.

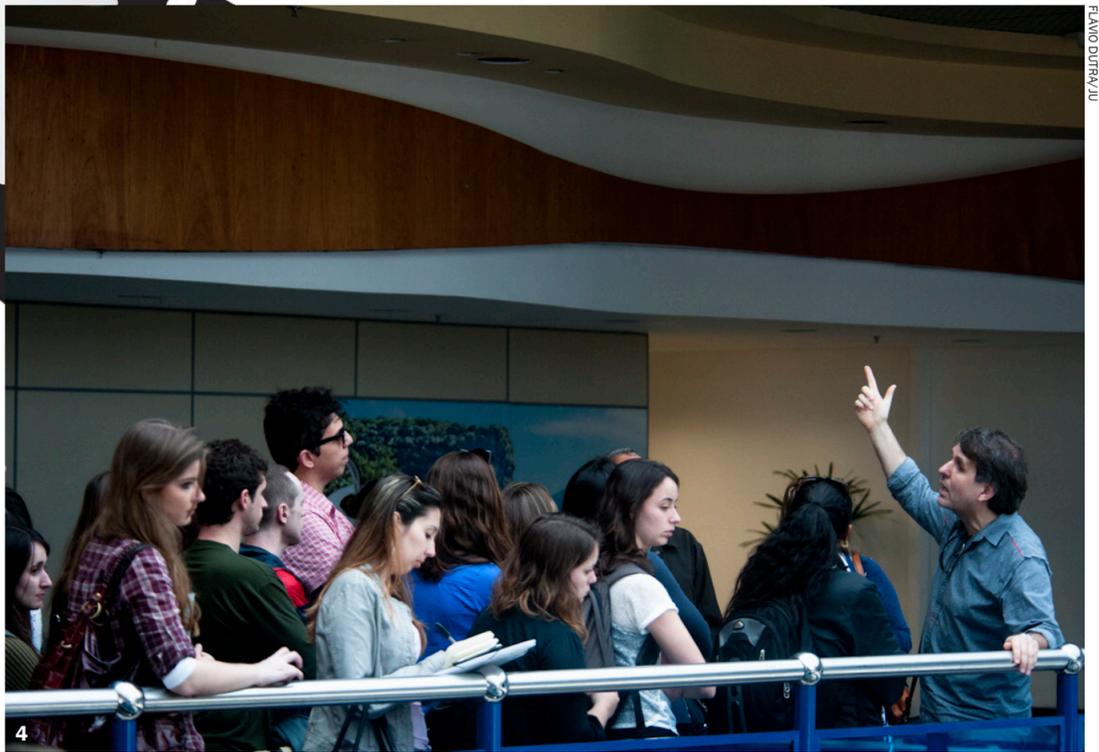
Mas, afinal, porque um rio se transforma e qual a importância de saber isso? A relevância pode ser resumida nos diversos usos que um rio tem conforme suas características. Conhecê-las é importante para destinar ou não à navegação, saber como funciona o regime de cheias que consequentemente interfere na ocupação das margens e na fertilidade do solo que o local irrigado terá. No roteiro para decifrar as mudanças do Maquiné, a turma observou cinco pontos diferentes desde o pé da Serra Geral. Na primeira parada, a 150m de altura em relação ao nível do mar, é possível visualizar um rio estreito e turbulento com grandes pedras basálticas até chegar a um ponto largo e profundo, com um aspecto bem mais parecido ao de uma lagoa. “Se vocês estivessem de olhos vendados na parada seis, tenho certeza de que poderiam dizer que estão vendo outro rio”, afirma o geólogo para a turma.



(1) Saída de campo para o Litoral com alunos do Programa de Pós-graduação em Botânica. (2) Viagem pelo Vale do Rio Maquiné com estudantes de Geografia. (3) Um grupo da Agronomia durante excursão a uma floricultura de Nova Petrópolis. (4) O registro de uma visita ao aeroporto Salgado Filho com alunos do curso de Arquitetura, que também ilustra a capa deste caderno.



Na visita ao aeroporto, foram observados aspectos como acessibilidade, sistemas de segurança e combate a incêndios



Campo da mobilidade

As saídas dos alunos da disciplina de Floricultura e Paisagismo servem para incentivar a busca por formação nessa área

Até parecia uma constelação de atores de Hollywood desembarcando no aeroporto, tantos foram os olhares voltados para a comitiva formada por futuros arquitetos que visitou os terminais um e dois do Salgado Filho. Os alunos, separados em pequenos grupos organizados por afinidade, mas liderados por três professores, mais observavam que anotavam, comentando o que poderia ser melhorado no local. “A ideia é ter um ponto de partida para produzir os projetos. Observando um terminal como este, que liga aeronaves, trem e aeromóvel (que está em construção), nós podemos perceber o que está bom ou ruim e usarmos esses dados para a proposta que vamos entregar ao final da disciplina”, comenta o estudante Diogo Giacomolli. Na visita ao aeroporto, foram analisados os parâmetros para sistemas de segurança e combate a incêndio, acessibilidade, placas de localização para os usuários, assim como a conexão entre os diferentes meios de transporte.

Para os atores da Arquitetura, em vez do set rural, o cenário urbano tem prioridade entre as locações justamente para se observar como as construções conversam com a cidade e como as pessoas se apropriam desses espaços. Já que Porto Alegre será sede de alguns dos jogos do Mundial de 2014, o período é de preparação do município, com obras de mobilidade que devem servir de legado à população. A partir de projetos de transporte público, como a instalação dos BRT (Bus Rapid Transport) e, para depois da Copa, o metrô da Capital, os alunos têm a oportunidade de colaborar com ideias para criar os terminais intermodais, que serão pontos de ligação entre as diferentes possibilidades de transporte.

No caso da saída a campo e da disciplina de planejamento urbano, a meta é verificar como funcionam os terminais intermodais existentes e quais qualidades podem ser retiradas para o roteiro de cada aluno. Assim, o ponto de partida é o Aeroporto Internacional Salgado Filho para depois analisar com olhar de cineasta o atual terminal Cairú, que fica junto à Avenida Farrapos, área nada glamourosa da cidade. Das ideias a serem apresentadas no final do semestre, o destino é o envio dos projetos para a Empresa Pública de Transportes e Circulação (EPTC), responsável pelo planejamento do trânsito da Capital. O convênio visa aproveitar as propostas para transformar as atuais paradas de ônibus em locais mais funcionais.

É claro, sem esquecer a estética. “Com esse trabalho na disciplina de Planejamento, é possível analisar os impactos ao ambiente e ao patrimônio histórico em razão das obras que estão por acontecer. Não seremos nós os que irão fechar o projeto, já que existe um escritório contratado para isso. Mas vamos fornecer contribuições para uma construção funcional e para que os prédios, como o terminal da Avenida Cairú, não se pareçam com shoppings centers, como acontece com quase todas as obras”, relata o professor e arquiteto Sérgio Marques.

Apesar de ter sido a última a embarcar no ônibus da excursão urbana, a estudante Daiane Melo não perdeu o fio do roteiro. Ela já tinha o script ensaiado na cabeça e só dependia da aprovação de um estudo de engenharia para habilitar o projeto que também pretende revitalizar a degradada área da Avenida Farrapos. “A meta é fazer uma passagem subterrânea para os carros na área do Terminal Cairú, mas preciso dos cálculos de engenharia para saber quanto os motoristas precisariam desacelerar para passar no local. Também planejo uma obra que renove a praça próxima com o objetivo de ter pessoas desfrutando daquele espaço, para que ele não seja somente um ponto de passagem. Isso pode ajudar a valorizar a área e beneficiar os comerciantes locais”, destaca.



Cenário florido

Entre processos de inseminação de vacas, manejo de pastagens e aprendizagem de técnicas de irrigação para plantações de arroz, ao final do curso de Agronomia surge uma disciplina de Floricultura e Paisagismo. Será que o roteirista se enganou? Não, o currículo do curso contempla também uma importante proposta de conhecimento do meio rural voltado para a comercialização de plantas na cidade e que tem espaço para crescer e diversificar a produção. É por isso que o professor Gilmar Schafer leva os alunos do nono semestre para conhecer o cultivo em larga escala de uma tradicional floricultura da Serra gaúcha.

Observando as belas imagens da rota que segue para Nova Petrópolis, destino escolhido por Schafer para a saída de campo e que serviria de cenário perfeito para um *roadmovie*, o aluno André Bordignon pensa em como aproveitar a viagem para desenvolver um roteiro da própria carreira como agrônomo. “Estamos também acompanhando o crescimento do mercado das flores no país, em especial em São Paulo. E não podemos negar que é importante esse tipo de produção para a diversificação nas propriedades familiares e que teremos de orientar os produtores nessa área”, relata.

O estudante tem razão. Apesar de o Rio Grande do Sul estar entre os maiores produtores de plantas ornamentais do país, 70% das flores consumidas no mercado interno são importadas de São Paulo. De qualquer forma, a atividade é importante para o estado, pois, segundo o censo agropecuário divulgado pelo IBGE em 2006, aproximadamente 1,7 mil produtores têm renda

com a floricultura em pequenas propriedades, além de ser uma área que emprega bastante – em média, três pessoas por hectare.

Conforme o professor Gilmar Schafer, a disciplina também visa incentivar os alunos a buscarem essa área de formação, já que no estado há muito espaço para a produção ornamental. “O mercado de flores e plantas de adorno do RS ainda pode crescer muito, principalmente para atender à nossa demanda interna. Temos que ser mais competitivos e gerar tecnologia para superarmos as barreiras tecnológicas impostas pelos sistemas de cultivo. Também temos que formar mais técnicos aptos a atuar na área”, comenta o agrônomo.

Para a estudante Manuela Sulzbach, que já conhece o roteiro das flores, graças à pesquisa que realiza sobre a relação entre flores e a infestação de ácaros em gerberas, a saída de campo foi importante para ver outros cultivares. “Pretendo continuar estudando essa área da fitossanidade, por isso quanto mais conhecimento em floricultura melhor. Por outro lado, visitar uma empresa como esta mostra o quanto a Universidade precisa de mais estufas para os experimentos dos alunos. No meu caso, tenho de esperar que as pesquisas que estão em andamento por outros estudantes sejam concluídas para ter espaço. Por isso, temos um convênio com uma floricultura de fora para fazer as observações e obter amostras de gerberas”, justifica, falando da troca que é interessante inclusive para a empresa conveniada, que tem interesse nos resultados da longa pesquisa que poderia ser comparada, em termos de duração, com *E o Vento Levou...*

Na estrada



Durante as saídas de campo, o chimarrão é o companheiro inseparável dos estudantes que deixam a sala de aula para conhecer outras realidades

Como nem só de trabalho vive o homem, nem o estudante só de livros, nada como aproveitar as reuniões campestres entre colegas para se divertir. Durante percursos que, independentemente da distância, acabam por tornar o dia cansativo, são comuns as brincadeiras entre os estudantes. Assim, a ideia é aproveitar como se fosse a première de um filme para quem participou das gravações.

A moita – Depois de quase 2 horas de viagem serra acima, apesar de não constar do roteiro, seria previsível que boa parte das gurias e guris estaria com vontade de ir ao banheiro. Afinal, o chimarrão durante o trajeto tem de sair em algum momento. A locação, por sua vez, no interior de Nova Petrópolis, é claro que não previa o sanitário. Nisso, o motorista do ônibus fez uma parada em uma estrada vicinal para aguardar um guia que levaria o grupo a uma propriedade a ser visitada, o que levou certo tempo. Assim, uma das estudantes, para algarazra geral, resolveu que não iria esperar por um “espaço formal” e correu para trás de uma moita. “Bah, ela foi mesmo!”, soltou um dos colegas, enquanto uma garota mais ao fundo do carro gritou: “E nem dá para perceber a blusa chamativa”, se referindo ao tom de vermelho do suéter da estudante. Apesar das piadinhas e da brincadeira de um dos alunos que tentou registrar o momento, o assunto acabou logo. Afinal, a moita era bem grande e não renderia nem um curta para o YouTube.

Imprevisto – Quem sai para o campo está preocupado em chegar o quanto antes para começar o estudo. Porém, quando no km 97 da BR-290, no início da viagem, se ouviu um estouro acompanhado de um cheiro de borracha queimada, percebemos a pedra no caminho, ou melhor, o pneu furado. O motorista buscou uma rota alternativa, a

via RS-118, em Viamão, para retornar ao Câmpus do Vale, trocar de veículo e seguir a viagem. Mas o contratempo não foi motivo suficiente para desapontamentos. “Opa, bem legal, a gente acordou às 7h e saiu às 10h da manhã. Pontualidade britânica”, comenta um dos alunos. Ele exagerou, eram 9h45 quando conseguimos sair da capital.

Já o professor Sérgio remexe na videoteca da memória e não lembra de situação semelhante. “Em 22 anos de UFRGS, é a primeira vez que acontece esse tipo de imprevisto”, comenta sem perder o bom humor. O problema aumentou o tempo de viagem, mas não atrapalhou em nada a observação prevista, afinal de contas, assim como um *remake* de Hitchcock, um rio nunca será o mesmo, e não faria diferença chegar uma hora antes ou depois.

Uma questão de equilíbrio? – Durante a aula no Vale do Rio Maquiné, a estudante Márcia Castro revela um misto de satisfação por estar distante da Fundação de Atendimento Socio-Educativo (Fase). Como ela já vive histórias pesadas, relacionadas a menores infratores, não precisa buscar um drama no cinema para se distrair. Do albergue para jovens em que trabalha, a aluna do curso de Geografia da UFRGS poderia escrever um roteiro para um filme de Fernando Meirelles; mas, fosse para escolher um palpite, colaboraria na produção dos documentários de Jacques Cousteau.

Márcia pretende desbravar as oportunidades de contato com o meio natural junto com uma turma contagiante, além da imersão no estudo. Lá, no meio do Vale do Maquiné, ela encontra a sensação de conexão com a natureza. “Além de estudar, essa atividade equilibra a alma e o corpo. É difícil conciliar; trabalhei a noite inteira, mas estou menos cansada do que se estivesse próxima daquela atmosfera de conflito o tempo inteiro”, resume a atriz da vida real.

Durante percursos que podem durar de um dia inteiro até quase uma semana, os estudantes aproveitam para se divertir

Estranhos no ninho

Entre os geógrafos, uma pausa para um almoço em um pequeno boteco do vilarejo de Barra do Ouro, em Maquiné, se tornou uma atração como se fosse a estreia de Batman – O Cavaleiro das Trevas Ressurge. Não houve motoqueiro que não passasse olhando para as meninas com aquele aspecto de “não são daqui”, enquanto as moradoras esticavam o olhar para conferir os “guris de fora” e o ônibus com placa da capital.

A experiência dos praieiros em busca de vegetação rasteira não é diferente no bar de beira de estrada em Palmares do Sul. Num cenário de *Paris, Texas**, as garotas que entraram no estabelecimento para pedir a chave do banheiro chamaram a atenção de motoristas de uma empresa de ônibus que almoçavam um à la minuta. Mas a alegria deles durou poucos instantes. “Não vamos comer aqui. Pedi para os alunos trazerem lanche porque nesses caminhos sem paradeiro certo preferimos não arriscar muito”, fala a professora Ilsi. E a desavisada repórter ficou sem almoço e encarou um Ruffles, pois a tarde mal começava.

**Para quem não lembra, Paris, Texas é um dos filmes mais importantes do cineasta Wim Wenders*

